

Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

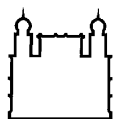
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E
TECNOLÓGICA EM SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
EM SAÚDE

ROBERTA MONTEIRO RAUPP

UMA VISÃO PANORÂMICA DO CONHECIMENTO CONSTRUÍDO NO
ÂMBITO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO

RIO DE JANEIRO

AGOSTO / 2011



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Roberta Monteiro Raupp

UMA VISÃO PANORÂMICA DO CONHECIMENTO CONSTRUÍDO NO ÂMBITO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. João Aprígio Guerra de Almeida

Co-orientadora: Profa. Dra. Kátia Sydrônio de Souza

Rio de Janeiro

Agosto / 2011

Roberta Monteiro Raupp

UMA VISÃO PANORÂMICA DO CONHECIMENTO CONSTRUÍDO NO
ÂMBITO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovada em

Prof. Dr. Paulo Ricardo da Silva Maia - IFF/Fiocruz

Profa. Dra. Maria Cristina Soares Guimarães - Icict/Fiocruz

Prof. Dr. João Aprígio Guerra de Almeida - Icict/Fiocruz - orientador

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Denise Monteiro, meu espelho e orgulho,
meu paradigma de amor, dedicação e competência.

Ao meu pai, Flavio Monteiro, pelo apoio e suporte a tudo que
viabilize meu crescimento intelectual.

Ao meu marido, Henrique, por seu amor,
paciência, compreensão e apoio incondicional em
todas as minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor João Aprígio Guerra de Almeida, meu eterno incentivador, a quem devo muito do meu interesse acadêmico, pelo apoio, amizade e ensinamentos em todos os momentos de construção deste estudo.

À Professora Kátia Sydrônio de Souza, hoje minha co-orientadora e, acima de tudo, amiga em todos os momentos, pelas inúmeras orientações e dedicação afetiva com este estudo e comigo.

Às professoras Maria Cristina Soares Guimarães e Cícera Henrique da Silva pelas excelentes contribuições no curso dos últimos dois anos e apoio para a realização deste estudo.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde mestrado, Inesita Soares Araújo, por estar presente durante todo o processo de construção do conhecimento vivenciado por mim, desde o Curso de Especialização em Comunicação e Saúde em 2007.

Ao Professor Paulo Ricardo da Silva Maia, pelo incentivo e por suas contribuições por ocasião da banca examinadora da defesa deste estudo.

Ao Carlos Maciel, diretor do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), pelo apoio e confiança em me permitir conciliar o trabalho com as atividades do curso de mestrado.

À equipe do Banco de Leite Humano do IFF, um sincero agradecimento pela presteza com que sempre atenderam às minhas solicitações, acolhimento e auxílio para a realização deste estudo.

A todos os amigos do mestrado e doutorado que compartilharam comigo momentos difíceis e de alegria.

Aos amigos e familiares que me apoiaram e torceram para a chegada deste dia.

A todos que diretamente ou indiretamente colaboraram para a realização desta dissertação.

RESUMO

Raupp, Roberta Monteiro. **Uma visão panorâmica do conhecimento construído no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano**. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

A pesquisa tem ocupado lugar de destaque no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR). Este espaço de produção científica tem sido responsável por parte do avanço no conhecimento sobre a área de atuação dos bancos de leite humano (BLH) e de ações de apoio, promoção e proteção do aleitamento materno. Partindo do entendimento de que o processo de produção científica envolve elementos técnicos e humanos, este estudo é construído à luz da perspectiva epistemológica de Bruno Latour (1994, 2000), de Almeida (1999) e de Maia (2004). Com base nos estudos de Maia (2004), a presente investigação assumiu como pressuposto teórico o fato de ser o conhecimento o elemento que confere conectividade à Rede BLH-BR, permitindo assim que a mesma opere de fato como rede. Diante disso, faz-se mais do que oportuno buscar caminhos que permitam ampliar a compreensão sobre as dinâmicas que se estabelecem no âmbito da Rede BLH-BR, no que tange a construção e a apropriação do conhecimento. Por esta razão, “o conhecimento transladado no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR” se configura como objeto do presente estudo. Face ao exposto e partindo da pergunta – “Quais os elementos estruturantes que norteiam a construção dos trabalhos científicos apresentados nos congressos da Rede BLH-BR?”, este estudo apresenta como objetivo traçar um panorama do conhecimento construído no âmbito Rede BLH-BR, a partir dos 860 trabalhos apresentados nos cinco congressos realizados pela Rede. Para tanto, buscou-se identificar as áreas temáticas de maior interesse para a construção do conhecimento, analisar a abordagem teórica e metodológica, e o caráter formal e informal dos trabalhos. Vale considerar que por ser uma pesquisa que se ergue no campo da Informação e da Comunicação em Saúde, buscou-se valorizar elementos que permitam ampliar a compreensão de como o conhecimento é capaz de se configurar em um agente indutor de transformações sociais no âmbito da Rede BLH. Os trabalhos dedicados à temática amamentação, quer em sua dimensão assistencial ou nos aspectos

culturais que permeiam a prática representaram 68% do total de trabalhos apresentados. A Informação e Comunicação na Rede BLH-BR surge como área temática a partir do II Congresso e com uma frequência relativa, que oscilou de 0,6% a 2% do total de trabalhos nos eventos. A abordagem quantitativa predominou, representando 50% do total dos trabalhos. Contudo, percebe-se uma tendência de crescimento na utilização de preceitos metodológicos qualitativos. Comportamento, biologia e estatística se misturam em uma mesma trama, unindo biologia e sociedade em um tecido único: o tecido inteiriço das naturezas-culturas. Conclui-se que a Rede BLH-BR trabalha o conhecimento na perspectiva do híbrido e adota a mistura em sua totalidade, aliando o conhecimento acadêmico às necessidades provenientes da prática desenvolvida no cotidiano, utilizando canais formais e informais da comunicação científica. Este estudo foi mais uma oportunidade de evidenciar o quanto a força da Rede BLH-BR se relaciona com sua capacidade de transladar conhecimento, abrindo oportunidades para o aprendizado coletivo e fortalecendo os laços entre os seus integrantes.

Palavras-chave: Informação, Comunicação e Saúde; Informação Científica e Tecnológica; Inovação em Saúde; Conhecimento; Aleitamento Materno.

ABSTRACT

Raupp, Roberta Monteiro. **Uma visão panorâmica do conhecimento construído no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano**. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

Research has been in a featured position in the Human Milk Banks Brazilian Network scope. This area of scientific production has been responsible for part of the advances in knowledge about the field of human milk banks and about support actions, promotion and protection of breast-feeding. Based on the understanding that the scientific process involves technical and human elements, this study is constructed by the light of the epistemological perspective of Latour (1994, 2000), Almeida (1999) and Maia (2004). Based on Maia's studies (2004), this research assumed as theoretical presupposition the fact the knowledge is the element which provides connectivity to the BLR-BR Network, allowing it to operate indeed as a network. Therefore, is it more than appropriate to look for ways which widen the understanding about the dynamics established within the BLH-BR Network, regarding the construction and appropriation of knowledge. For this reason, "knowledge transferred in the BLH-US Network congress scope" is set as object of this study. Given the above and based on the question – "What are the structural elements which guide the construction of scientific papers presented at BLH-BR Network conferences?", this study presents as aim to draw a view of the knowledge constructed within the BLH-BR Network, from the 860 papers presented in the five conferences held by the Network. For this, the idea was to identify the thematic areas of greatest interest for the knowledge construction, the analysis of the theoretical and methodological approach and the formal and informal character of the papers. It is worth to consider that, for being a research which stands in the field of Health Information and Communication, elements which allow enlarging the understanding of how knowledge can be an inducing agent for social transformations within the BLH Network have been enriched. The works dedicated to the theme breast-feeding, both in the dimension of care or in the cultural aspects which permeate the practice, represent 68% in the total of works presented. Information and

Communication in the BLH-BR Network come as thematic area from the II Conference and with a relative frequency, ranging from 0,6% to 2% in the total of works in the events. The quantitative approach prevailed, representing 50% in the total of papers. However, a growth trend is noticed in the use of qualitative methodological principles. Behavior, biology and statistics are mixed in the same plot, gathering biology and society in a single tissue: the whole tissue of nature-culture. The conclusion is that BLH-BR Network manages knowledge in the hybrid perspective and adopts the mixture in its entirety, combining academic knowledge to the needs of the developed practical in the everyday, using formal and informal channels of the scientific communication. This study has been one more opportunity of showing how the power of BLH-BR Network relates with its capacity of transferring knowledge, opening opportunities for the collective learning and strengthening the ties among its members.

Keywords: Information, communication and health; Information science and technological; Innovation in health; Knowledge; Breastfeeding.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre os Elementos Formais e Informais da Comunicação Científica	21
Quadro 2 - Conceitos de Dado, Informação e Conhecimento.....	28
Quadro 3 - Relatório de Produção da Rede BLH-BR – janeiro a dezembro de 2010	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tema central, quantitativo dos trabalhos publicados nos anais dos cinco congressos da Rede BLH-BR e número de participantes.....	53
Tabela 2 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por área temática	55
Tabela 3 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	57
Tabela 4 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico	57
Tabela 5 - Quantitativo dos trabalhos publicados e programação científica nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por área temática	61
Tabela 6 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	65
Tabela 7 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico	65
Tabela 8 - Quantitativo dos trabalhos publicados e programação científica nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por área temática	67
Tabela 9 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	71
Tabela 10 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico	71
Tabela 11 - Quantitativo dos trabalhos publicados e programação científica nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por área temática	76
Tabela 12 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	78
Tabela 13 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico	79
Tabela 14 - Quantitativo dos trabalhos publicados e programação científica nos anais do V Congresso da Rede BLH-BR por área temática	84
Tabela 15 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do V Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	89
Tabela 16 - Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do V Congresso da Rede	

BLH-BR por referencial teórico e metodológico	89
Tabela 17 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados por área temática nos cinco Congressos da Rede BLH	91
Tabela 18 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco Congressos da Rede BLH-BR por abordagem metodológica	93
Tabela 19 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco Congressos da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico dos estudos quantitativos e qualitativos	93
Tabela 20 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco Congressos da Rede BLH-BR por tipos de autoria	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC	Agência Brasileira de Cooperação
ANT	Actor-Network Theory
BLH	Banco de Leite Humano
BLHs	Bancos de Leite Humano
BVS-AM	Biblioteca Virtual em Saúde Aleitamento Materno
Cict	Centro de Informação Científica e Tecnológica
Clati-BLH	Centro Latinoamericano de Tencologia e Informação em Bancos de Leite Humano
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTIBLHAM	Centro de Tecnologia e Informação em Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
IberBLH	Programa Iberoamericano de Bancos de Leite Humano
Icict	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
IFF	Instituto Fernandes Figueira
IHAC	Iniciativa Hospital Amigo da Criança
MS	Ministério da Saúde
ODMs	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
OMS	Organização Mundial de Saúde
Opas	Organização Panamericana de Saúde
Pniam	Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno
PNS	Plano Nacional de Saúde
Rede BLH-BR	Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano
TAR	Teoria Ator-Rede
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO	
Apresentando o tema e delimitando o objeto de estudo	15
CAPÍTULO 2 - OBJETIVOS	18
CAPÍTULO 3 – REFERENCIAL TEÓRICO	
3.1 A Comunicação Científica e a Produção do Conhecimento	19
3.2 Conhecendo o Conhecimento sobre Aleitamento Materno	27
3.3 A Teoria Ator-Rede e as Translações do Conhecimento	32
3.4 Um Perfil da Trajetória dos Bancos de Leite Humano no Brasil	38
3.5 A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano.....	44
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA: O CAMINHO DO ESTUDO	49
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	
5.1 Resgatando a história: O Período Pré-Congresso	51
5.2 Os Congressos e suas Trajetórias.....	53
5.2.1 O I Congresso da Rede BLH-BR.....	55
5.2.2 O II Congresso da Rede BLH-BR	60
5.2.3 O III Congresso da Rede BLH-BR	67
5.2.4 O IV Congresso da Rede BLH-BR.....	73
5.2.5 O V Congresso da Rede BLH-BR	81
5.2.6 Uma visão panorâmica da produção do conhecimento no âmbito da Rede BLH-BR	91
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentando o Tema e Delimitando o Objeto de Estudo

A pesquisa tem ocupado lugar de destaque no âmbito da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR). Este espaço de produção científica tem sido responsável por parte do avanço no conhecimento sobre a área de atuação dos Bancos de Leite Humano (BLH) e de ações de apoio, promoção e proteção do aleitamento materno. Partindo do entendimento de que o processo de produção científica envolve elementos técnicos e humanos¹, este estudo é construído à luz da perspectiva epistemológica de Latour (1994, 2000), de Almeida (1999) e de Maia (2004).

Vale considerar que por ser esta uma pesquisa que se ergue no campo da Informação e da Comunicação em Saúde, buscou-se valorizar elementos que permitam ampliar a compreensão de como o conhecimento é capaz de se configurar em um agente indutor de transformações sociais.

Durante o processo de construção do projeto desta pesquisa, muitas mudanças ocorreram em relação à proposta original. No entanto, o campo de investigação não foi alterado. A oportunidade de trabalhar na perspectiva da Teoria Ator-Rede² (TAR) possibilitou ampliar a compreensão das articulações que se estabelecem entre ciência e sociedade, natureza e cultura, entendendo o conhecimento como efeito de interações sociais.

Uma das oportunidades no sentido de ampliar a universalização do acesso ao conhecimento operado no âmbito da Rede BLH-BR, na perspectiva de disseminação e compartilhamento, são os congressos científicos em sua área

¹ Para Latour (1994), as noções de elementos humanos e não-humanos estão ligadas às possíveis formas de apresentação dos atores. O humano é representado por pessoas ou grupos de pessoas e o não-humano pelos materiais, máquinas, equipamentos etc.

² A Teoria Ator-Rede é a formalização de um método de estudo, pautado nas noções de simetria, tradução, ator e rede. Engloba um conjunto de fatores heterogêneos, composto por objetos, pessoas, atitudes e interesses políticos e sociais que compõem uma rede. Esta teoria, também conhecida como Sociologia da Tradução, trata da mecânica do poder, neste caso, a construção do conhecimento (SOUZA, 2006, p. 37).

de atuação. Para tanto, elegeu-se como campo de análise deste estudo os trabalhos publicados nos anais de todos os congressos da Rede BLH-BR.

No campo da saúde pública, o acesso ao conhecimento adquire papel fundamental, seja para usuários dos serviços ou para profissionais que trabalham na área. Maia (2004) considera que o elo que estabelece as articulações na Rede BLH-BR é o conhecimento. Pressupõe ainda que “há em curso um acelerado processo de transformação social” (MAIA, 2004, p.74).

Para Almeida (1999), o objeto de trabalho da Rede BLH-BR para este milênio gira em torno da busca da qualidade por meio da educação e da informação. O autor considera que é preciso priorizar a difusão da informação como “um dos mais importantes fatores da dinâmica de introjeção de novos valores culturais na sociedade, construindo caminhos em direção a universalizar o acesso à informação, onde quer que existam bancos de leite humano no Brasil” (ALMEIDA, 1999, p. 113).

Almeida (1999) acrescenta ainda que o grande desafio é dar continuidade ao desenvolvimento de competências para uma nova forma de pensar as questões relacionadas à amamentação, considerando três níveis de investimento: a construção de vias que facilitem o acesso dos profissionais aos novos saberes; a definição de caminhos que possibilitem o desenvolvimento científico e tecnológico, e a substituição do discurso ideológico da amamentação por posições solidamente ancoradas nos diferentes campos do saber (ALMEIDA, 1999).

Almeida (1999) menciona que um dos possíveis caminhos para rever a base conceitual que dá sustentação ao atual modelo do assistir em amamentação consiste em recorrer à produção científica. Barreto (1998 apud CORREIA, 2008, p. 4) considera que “para validar e socializar o conhecimento é imprescindível a publicação, que se configura como o resultado de um ciclo constante auto-regenerativo: conhecimento - publicidade - opinião pública - novo conhecimento”.

Silva & Menezes (2001, p. 17) destacam que “a publicação proporciona o controle de qualidade de uma determinada área do conhecimento, confere

reconhecimento ao autor e possibilita a preservação da mesma”. Vale ressaltar que a Rede BLH-BR vem promovendo congressos científicos em âmbito nacional e internacional desde 1998, proporcionando um importante fórum para compartilhamento de conhecimento produzido sobre a temática.

A sociedade, para Latour (1994), é construída tanto pela natureza quanto pela cultura. Segundo o autor, o aspecto mais importante da interação social é a capacidade de provocar mudanças de comportamento nos indivíduos envolvidos, a partir do contato e da comunicação que se estabelecem entre eles. Em relação à amamentação, Almeida (1999) a configura como um híbrido natureza-cultura.

A depender do contexto histórico, a amamentação revelou diversos significados e conceitos, configurando-se em objeto de interesse para diferentes atores e grupos sociais. No entanto, nem sempre a visão dos profissionais e pesquisadores que atuam no campo da amamentação engloba a amplitude do tema, tratando-o muitas vezes exclusivamente sob o prisma biológico, sem levar em conta aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos.

Com base nos estudos de Maia (2004), a presente investigação assumiu como pressuposto teórico o fato de ser o conhecimento o elemento que confere conectividade à Rede BLH-BR, permitindo assim que a mesma opere de fato como rede³. Diante disso, faz-se mais do que oportuno buscar caminhos que permitam ampliar a compreensão sobre as dinâmicas que se estabelecem no âmbito da Rede BLH-BR, no que tange a construção e a apropriação do conhecimento.

Por esta razão, “o conhecimento transladado no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR” se configura como objeto do presente estudo. Face ao exposto e partindo da pergunta do estudo – “Quais os elementos estruturantes que norteiam a construção dos trabalhos científicos apresentados nos congressos da Rede BLH-BR?”, este estudo apresenta como objetivo traçar um panorama do conhecimento construído no âmbito Rede BLH-BR, a partir dos trabalhos apresentados em todos os congressos realizados pela Rede BLH-BR.

³ Segundo a TAR, rede é aquela que nos remete a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes, sendo sua marca a transformação (LATOURE, 1994).

CAPÍTULO 2

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Traçar um panorama do conhecimento construído no âmbito da Rede BLH-BR, a partir dos trabalhos apresentados em todos os congressos realizados pela Rede BLH-BR.

Objetivos Específicos:

- Identificar as áreas temáticas de maior interesse para a construção do conhecimento de acordo com os trabalhos apresentados nos congressos da Rede BLH-BR.
- Analisar a abordagem teórica e metodológica dos trabalhos apresentados nos congressos da Rede BLH-BR.

CAPÍTULO 3

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Comunicação Científica e a Produção do Conhecimento

Até meados da década de 60, discussões sobre o compartilhamento do conhecimento centravam predominantemente seu foco na busca de alternativas tecnológicas que permitissem rapidez em sua captura e disseminação. Essa tendência ao longo do tempo foi cedendo espaço para reflexões de outra natureza. Há uma evidente preocupação em eleger questões estratégicas e culturais que possam induzir à universalização do seu compartilhamento e utilização. Agora, a aplicação do conhecimento como elemento transformador passa a ser tema central (MAIA, 2004, p. 2).

A produção científica se apresenta como atividade acadêmica relevante dentre as demais exercidas por pesquisadores e cientistas, sendo por intermédio dela que o conhecimento produzido em universidades e institutos de pesquisa pode ser disseminado e compartilhado. “A produção científica funciona ainda como espelho do desempenho acadêmico docente e discente, nas atividades de ensino, pesquisa e extensão” (SANTOS-ROCHA & HAYASHI, 2009, p. 1). “Por meio da produção científica, os pesquisadores comunicam suas pesquisas e prestam contas à sociedade mostrando resultados, pertinência e relevância de suas ações” (SANTOS-ROCHA & HAYASHI, 2009, p. 167).

Para Marchiori (2006, p. 2), a comunicação científica representa uma área do conhecimento complexa, que se estabelece como disciplina de interesse tanto da Ciência da Informação quanto da Ciência da Comunicação, uma vez que envolve processos comunicativos e tem relação com os caminhos teóricos, epistemológicos e práticos. Neste sentido, Meadows (1999 apud MARCHIORI, 2006, p. 1) afirma que “o aumento do conhecimento depende de sua comunicação”.

Marchiori (2006) ressalta ser fundamental a produção de informação e conhecimento, mas considera que comunicar o que se produz é imprescindível

para o desenvolvimento da ciência. Segundo Prado (2001 apud SOUZA, 2006, p. 19), “a investigação científica é a resposta para o desenvolvimento do saber, na medida em que possibilita encontrar soluções para as necessidades da clientela e para os anseios da sociedade”.

Silva (1998) considera que a Ciência da Informação em interface com a Sociologia da Ciência tem procurado, a partir de estudos desenvolvidos por Garvey e Griffith⁴, compreender a dinâmica que envolve processos de comunicação científica e sua interação com questões sociais. Os pesquisadores consideram como comunicação científica todas as atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento de concepção da ideia inicial até o instante em que os resultados da pesquisa sejam aceitos como parte do conhecimento científico.

Com base neste modelo, a informação flui por canais que permitem que diferentes tipos de documentos sejam produzidos, cujas características variam conforme o estágio da pesquisa, o tipo de público a que se destina e o objetivo do autor que comunica. Tais canais são classificados como formais e informais (MUELLER, 2000).

A comunicação informal representa parte do processo invisível ao público, caracterizada por contatos pessoais, conversas telefônicas, correspondências, entre outros. Tais canais são usados geralmente para a comunicação em pequenos grupos, para a disseminação seletiva do conhecimento. Por sua vez a comunicação formal é a parte visível pública, ou seja, diz respeito à informação publicada em forma de artigos de periódicos, livros, anais de congressos, encontros científicos, entre outros. Destina-se a transferir informações a uma comunidade e não a apenas um indivíduo e torna público o conhecimento produzido (SILVA & MENEZES, 2001).

Silva & Menezes (2001, p. 15) mostra que “os canais formais são fundamentais aos pesquisadores porque permitem comunicar seus resultados de

⁴ Os pesquisadores americanos Garvey e Griffith (1979) desenvolveram o mais famoso modelo que representa o fluxo da informação científica. Neste modelo, o processo de comunicação aparece representado por um contínuo, onde se situam, em sucessão e por ramificações, as diversas atividades cumpridas por um pesquisador e os documentos que tais atividades geram. O modelo foi adaptado para todas as áreas do conhecimento (MUELLER, 2000).

pesquisa, estabelecer prioridade para suas descobertas, obter o reconhecimento de seus pares”, o que possibilita o aumento da credibilidade e confiança por parte do meio técnico ou acadêmico. Os canais formais possuem processo de comunicação mais lento, mas necessário para a memória e difusão de informações para o público em geral (SILVA & MENEZES, 2001).

Mueller (2000) esclarece que além dos livros e periódicos científicos, também pertencem a esta categoria a vasta documentação composta pela literatura cinzenta. Sobre essa literatura, Población (1992, p. 224) explica que:

Inicialmente essa literatura incluía apenas os relatórios técnicos e de pesquisa elaborados para circulação interna ou restrita. Atualmente, o conceito está se ampliando, e incluem nesse grupo, além de relatórios de todos os tipos (internos, institucionais, técnicos, de pesquisa, de comissões e outros), as comunicações apresentadas em eventos, os anais e atas de reuniões, as conferências, *pre-prints*, publicações oficiais, teses, traduções, patentes, normas etc.

As principais diferenças entre os elementos formais e informais da comunicação científica, na perspectiva de Le Coadic (1996), são apresentadas de forma sintética no Quadro 1.

Quadro 1: Diferenças entre os Elementos Formais e Informais da Comunicação Científica

Comunicação formal	Comunicação informal
Pública	Privada
Informação armazenada de forma permanente, recuperável	Informação não-armazenada, não-recuperável
Informação relativamente velha	Informação não-comprovada
Disseminação uniforme	Direção do fluxo escolhida pelo produtor
Redundância moderada	Redundância às vezes muito importante
Ausência de interação direta	Interação direta

Fonte: LE COADIC, Y. F. A Ciência da Informação. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

No que tange a produção de eventos científicos, Marchiori (2006, p. 8) enumera suas principais funções: criar oportunidades para troca de experiências entre pesquisadores; atualizar e sistematizar progressos recentes de uma área;

divulgar novos conhecimentos; traçar diretrizes e metas para futuros empreendimentos de uma determinada área do saber. Sobre o processo de avaliação e disseminação da produção científica de um evento, a exemplo dos congressos da Rede BLH-BR, Marchiori (2006, p. 8) considera:

Os trabalhos apresentados em eventos passam por um controle de qualidade intelectual, sob incumbência de especialistas, incluindo eventualmente o sistema de revisão por pares — *peer review* — antes de serem publicados, o que pode ocorrer antes ou após sua realização. O documento resultante de um evento normalmente é chamado de anais — *proceedings* — e, via de regra, é distribuído apenas aos participantes. Este caráter não comercial da distribuição dos anais, aliado ao fato de que as comunicações em eventos caracterizam-se como semi-formais, cuja ocorrência, não raro, figura no início do processo de produção científica, constituem aspectos que permitem incluí-los na categoria de “literatura cinzenta” (ou não-convencional). Enquanto estrutura, um evento científico envolve, além das palestras, mini-cursos e outras atividades, pelo menos duas categorias de apresentações de trabalhos, também designados como temas livres: as comunicações orais e os pôsteres (MARCHIORI, 2006, p. 8).

A relação entre ciência e sociedade tem sido fortalecida na medida em que se reconhece que a produção científica está associada à cultura e à história (SILVA, 1998). Para Lévi-Strauss (1989, p. 35 apud ARAÚJO, 2008), “o cientista nunca dialoga com a natureza pura, mas com certo estado de relação entre natureza e cultura, definível pelo período da história no qual ele vive, sua civilização, os recursos materiais dos quais dispõe”.

Christovão (1979) aponta que mesmo sem os diversos autores, cientistas e filósofos da ciência chegarem a um consenso a respeito de uma classificação adequada sobre o que é ciência, há um ponto em comum: a comunicabilidade da ciência. Para Meadows (1999, p.1), “o meio disponível e a natureza da comunidade científica afetam não só a forma como a informação é apresentada, mas também a quantidade de informação em circulação”.

Braga (1974 apud SILVA, 1998) afirma que durante longos anos, a ciência progrediu sem consciência de si mesma, envolvida em uma espécie de misticismo cultivado pelos próprios cientistas. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se força produtiva da sociedade, provocando a necessidade de se

conhecer como ela deveria ser administrada e fortalecida para os objetivos da sociedade.

Neste sentido, “a construção da ciência enquanto um fenômeno social demanda esforços no sentido de melhor compreender seus processos de geração, disseminação e apropriação do conhecimento” (ROCHA, 2007, p. 13).

Concordando com Silva & Menezes (2001, p. 11), “o ‘mundo social’ não está dissociado do ‘mundo científico’ porque o domínio científico é simplesmente o resultado final de muitas operações que estão no domínio social”. Souza (2003) destaca que, em termos acadêmicos, muito raramente a amamentação foi tratada com a amplitude dos dias atuais. “Predominantemente foi recortado apenas em sua dimensão biológica, gerando conclusões parciais, de cunho reducionista e muitas vezes equivocadas” (SOUZA, 2006, p. 4).

O discurso científico foi inaugurado no século XIX, reduzindo todas as questões relacionadas à amamentação ao fenômeno biológico do ato de amamentar. Como o ser humano integra a natureza, como uma espécie representante dos mamíferos, nada mais natural que tal prática. Para ter sucesso, basta colocar o bebê no peito que a natureza se encarrega de dar curso ao processo. Com base nesse movimento, a medicina higienista fundou seu paradigma de amamentação (SOUZA, 2003, p. 146).

Almeida (1998) pontua que o mito do leite fraco é um valioso exemplo de equívocos desta lógica de construção do conhecimento, uma construção social da medicina higienista do século XIX, proveniente da falha no paradigma da amamentação praticado na época. Souza (2003, p. 149) enfatiza que “as questões imanentes, próprias da sociedade e da cultura, começam a figurar de forma discreta e pontual na pediatria brasileira, a partir de meados da década de 70, sofrendo um incremento nos anos 80 e ganhando destaque, embora pouco efetivo, na década de 90”.

Souza (2006, p. 174) afirma que “a década de 90 se apresenta como período de muitas transformações em relação à ciência e tecnologia, economia, globalização da informação e que entre tais mudanças está o aleitamento materno”. Vale destacar que nesta década, ocorreu o I Congresso da Rede BLH-BR, que funcionou como um fórum de compartilhamento de informações

e troca de experiências entre os profissionais da área, conforme apresentado neste estudo no capítulo 5.

Neste sentido, Latour (2000) explica que as publicações científicas criam seu público, fabricam informação nova, constituem, em parte, o laboratório. E ainda têm outra função capital: ordenar a autoridade, o crédito e as precedências. O autor aponta a ciência como uma prática híbrida, nômade e heterogênea, que tem por efeito definir ao mesmo tempo sociedade e natureza, sujeito e objeto.

Sobre o processo de construção do conhecimento, Fortunato (2001 apud SOUZA, 2006, p. 40) considera que:

No mundo “pós-moderno”, caracterizado pela globalização, e, ao mesmo tempo pela fragmentação da vida e da existência, a “ciência” não é mais compreendida como um saber único e objetivo. A ciência e a tecnologia amparadas pela pesquisa e pela criatividade compõem, no momento atual, a base de qualquer processo de desenvolvimento. Portanto, a necessidade de saber, de construir o conhecimento através da pesquisa, da permanente capacidade de inovar, não pode perder de vista a necessidade de humanizar o conhecimento, e as questões ético-políticas que o perpassam (FORTUNATO, 2001 apud SOUZA, 2006, p. 40).

Para Souza (2006, p. 40), “faz-se necessário ir além, buscar as tramas e as redes interdisciplinares que constituem a ciência, desvelando o conhecimento por intermédio de critérios imanentes, como uma forma de ação interessada, reconhecendo o valor das instituições no mundo contemporâneo”.

A ciência é definida por Latour (1998 apud SOUZA, p. 42) como “instituição culturalmente constituída no contexto social, político, econômico mais amplo e gerador de cultura própria”. O autor considera que não significa ver a ciência como política feita por outros meios, mas reconhecer o papel constitutivo das condições objetivas para o surgimento e sustentação, incluindo interesses aí envolvidos, mesmo dos campos mais abstratos de investigação.

Para Latour (2000), ciência e política devem trilhar o mesmo caminho, onde a busca do conhecimento contribua para o aprofundamento de temas contemporâneos, associando perspectivas científicas aos interesses políticos.

As principais fontes de influência de Latour são a Filosofia das Ciências, concebida por Michel Serres, de quem toma emprestado o conceito de tradução, e o Programa Forte da Sociologia do Conhecimento, iniciado pelo sociólogo-filósofo David Bloor, do qual advém o princípio metodológico da simetria. Bloor (2010) desenvolveu um programa de investigação social para descobrir as causas que levam diferentes grupos sociais a escolher determinados aspectos da realidade como objeto de estudo e explicação científica.

Vale ressaltar que até a década de 70, a Sociologia da Ciência enfatizava a descrição de normas do comportamento científico, explorando o sistema de recompensas e do mérito na avaliação do trabalho científico. A ciência era vista como atividade institucionalizada, que privilegiava o uso de técnicas quantitativas (MERTON, 1973 apud SILVA, 1998). Sobre o período anterior à década de 70, Melo (2008, p. 260) destaca que:

Até então, a sociologia do conhecimento seguia por duas vertentes: uma que estudava o conhecimento comum, orientada para o entendimento, da cultura, das crenças compartilhadas pelos membros de um grupo social, mais centrada, portanto, na investigação antropológica das sociedades primitivas; outra que se dedicava a estudos sobre o conhecimento científico, fosse investigando a história das descobertas científicas, fosse fazendo a análise das instituições contemporâneas onde se desenvolve a atividade científica. Esta última divisão estabeleceu tacitamente uma atribuição de encargos. À Sociologia das Ciências eram atribuídos os estudos sobre as instituições da ciência moderna e a investigação histórica das inovações científicas, centrados no “contexto da descoberta”. À Filosofia das Ciências caberiam os estudos relacionados com o conteúdo do conhecimento científico, na busca de relações entre o conteúdo mesmo da descoberta científica e as questões filosóficas a ela inerentes (MELO, 2008, p. 260).

No período posterior aos anos 70, o uso de normas científicas e a ausência de uma Sociologia que se dedicasse ao estudo do conhecimento científico, iniciou-se um processo de incentivo ao nascimento de uma “nova”

Sociologia da Ciência, que teve Bloor como um dos principais precursores. Para Velho (1990), a Nova Sociologia da Ciência está mais voltada para os conflitos do que para o consenso, privilegia o estudo de especialidades ou de casos particulares e raramente emprega técnicas quantitativas.

Com este programa, tornou-se possível considerar o trabalho dos cientistas como uma construção social, influenciada tanto por aspectos internos da própria comunidade científica, como por aspectos externos da sociedade a que pertencem (FREIRE, 2006). Por “programa fraco”, Bloor explica que bastava cercar a dimensão cognitiva das ciências com uns poucos fatores sociais para ser chamado de historiador ou sociólogo das ciências. “Em contraposição, propôs o ‘programa forte’, cuja ideia era que qualquer estudo de sociologia ou história das ciências deveria levar em conta tanto o contexto social quanto o conteúdo científico” (FREIRE, 2006, p. 48).

O conhecimento para Bloor (2010) se ampara em quatro princípios pertencentes ao Programa Forte da Sociologia do Conhecimento: causalidade, imparcialidade, simetria e reflexividade. Bloor (2010) ressalta que a Sociologia do Conhecimento deve ser causal, ou seja, interessada nas condições que ocasionam crenças ou estados de conhecimento; imparcial, com respeito à verdade e à falsidade, racionalidade e irracionalidade, sucesso ou fracasso, sendo que ambos os lados irão requerer explicações; simétrica, em seu estilo de explicação, uma vez que os mesmos tipos de causa devem explicar crenças verdadeiras e falsas; e reflexiva, tendo seus padrões de explicação que ser aplicáveis à própria Sociologia.

Silva (1998) observa que a Nova Sociologia da Ciência é diversificada, cresce e se transforma rapidamente, redefine interesses tradicionais de estudo e reformula problemas de relevância atual. A autora aponta para o processo de produção do conhecimento científico como uma rede ou uma teia de relações, onde associações, estratégias, competências e argumentações são requeridas e estabelecidas, objetivando interligar o maior número de elementos essenciais para viabilizar a construção do conhecimento (SILVA, 1998).

3.2 Conhecendo o Conhecimento sobre Aleitamento Materno

Desde as últimas décadas do século XX, projeta-se o papel estratégico da informação e do conhecimento em diferentes dimensões da vida em sociedade. Reconhece-se que o conhecimento é socialmente moldado, possuindo não apenas uma dimensão temporal/histórica, mas também espacial/territorial (ALBAGLI & MACIEL, 2004, p. 9).

Ao longo dos séculos, muitos filósofos têm tentado descobrir as maneiras pelas quais o conhecimento é gerado e adquirido (MOORE & BOLINCHES, 2001). Muitas definições existem na literatura acerca de um conceito, mas há verdadeira dificuldade de se chegar a um consenso, sendo esse sempre estreitamente relacionado ao estágio de evolução em que se encontram as sociedades em diferentes épocas.

“Como vemos, o que se chama conhecimento não pode ser definido sem que se entenda o que significa a aquisição do conhecimento” (LATOURE, 2000, p. 357). Para tanto, antes de falar em conhecimento, é preciso definir os conceitos adotados neste estudo para os termos “informação” e “dado”.

Segundo Almeida (2009), até o final do século XIX, o termo informação estava associado à notícia, fato ou evento comunicado por alguém ou por uma instituição. A partir da segunda metade do século XX, o conceito passou a receber outras conotações, que merecem destaque neste estudo.

Moresi (2000) observa que mesmo com a variedade de interpretações assumidas nos diferentes campos, muitos concordam que a noção de informação está geralmente associada às mensagens. O autor (2000, p. 18) aponta para o fato que “genericamente o termo informação é usado para se referir a todas as maneiras de descrições ou representações de sinais ou dados”. Contudo, o autor destaca ser importante reconhecer a existência de classificações diferentes, sendo elas: dado, informação e conhecimento.

Para Moresi (2000, p. 18), “dados são sinais que não foram processados, correlacionados, integrados, avaliados ou interpretados de qualquer forma. Esta classe representa a matéria-prima a ser utilizada na

produção de informações”. Setzer (1999) define dado como uma sequência de símbolos quantificados ou quantificáveis, sem significado, que devem ser ordenados, agrupados, analisados e interpretados. Setzer considera ainda que os dados se tornam informações quando exibidos de forma inteligível às pessoas que irão utilizá-los, ou seja, após o processamento dos dados, onde significados se fazem presentes.

Para Wurman (1995, p. 43), a informação só pode ser aplicada a "aquilo que leva à compreensão (...) o que constitui informação para uma pessoa pode não passar de dados para outra". Neste sentido, Zorrilla (1997, p. 122) atesta que “para ser considerada informação, deve ter uma essência e um propósito”.

Segundo Davenport e Prusak (1998, p. 18), “para que um dado seja considerado informação, necessariamente requer algum tipo de análise, significado e deve estar em sintonia com o público ao qual se destina” (QUADRO 2).

Quadro 2 – Conceitos de Dado, Informação e Conhecimento

Dado	Informação	Conhecimento
<ul style="list-style-type: none"> • Simples observações sobre o estado do mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados dotados de relevância e propósito. 	<ul style="list-style-type: none"> • Informação valiosa da mente humana. • Inclui reflexão, síntese, contexto.
<ul style="list-style-type: none"> • Facilmente estruturado e obtido por máquinas. • Frequentemente quantificado. • Facilmente transferível. 	<ul style="list-style-type: none"> • Requer unidade de análise. • Exige consenso em relação ao significado. • Exige necessariamente a mediação humana. 	<ul style="list-style-type: none"> • De difícil estruturação e captura em máquinas. • Frequentemente tácito. • De difícil transferência.
Fonte: Davenport e Prusak (1998)		

Souza (2006) considera que falar de conhecimento requer plasticidade, entendimento e historicidade. Neste sentido, cada período de desenvolvimento da sociedade traz um novo conceito de conhecimento e, conseqüentemente, de uma nova ciência. Para Minayo (2002, p. 17), “as teorias sobre determinado

assunto se apresentam como correntes de pensamento, sendo que, em cada tempo histórico, alguns têm predomínio sobre outras”.

Concordando com Latour (2000, p. 357), “o conhecimento não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição a ‘ignorância’ ou ‘crença’, mas por meio do exame de todo um ciclo de acumulação”, ou seja, como familiaridade com eventos, lugares e pessoas vistas muitas vezes antes. O autor explica que não é possível conhecer alguma coisa, alguma pessoa ou algum lugar da primeira vez que os encontra, e que somente se passa a conhecê-los verdadeiramente quando são encontrados pela segunda vez, ao se tornar familiar.

Sob o mesmo ponto de vista, Setzer⁵ (1999) caracteriza conhecimento como uma abstração interior, pessoal, de algo que foi experimentado, vivenciado por alguém. Segundo o autor, o ser humano é capaz de elaborar informações por meio de associações de conceitos e percepções. Setzer (1999) menciona que em áreas puramente intelectuais, como a história, em que não é possível ter vivência nos acontecimentos passados, é preciso considerar a existência de uma memória universal, que permite que o pesquisador adquira por intermédio dela uma vivência conceitual dos fatos existentes.

Para Morin (1999), “o conhecimento não se reduz a uma única noção, como informação, percepção, descrição, ideia ou teoria. É fenômeno multidimensional, que, de maneira inseparável, é simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural e social” (MORIN, 1999 apud SOUZA, 2006, p.23). “Quando a informação é utilizada e posta no contexto ou marco de referência de uma pessoa se transforma em conhecimento. O conhecimento seria assim, a combinação de informação, contexto e experiência” (ZORRILLA, 1997, p. 122).

⁵ Setzer (1999) exemplifica em seu estudo o conhecimento, explicando que, ao se ler sobre Paris, são obtidas informações sobre a cidade, mas que o conhecimento só será obtido ao visitá-la pessoalmente. Para este autor, o conhecimento é portanto totalmente subjetivo (cada um tem uma vivência diferente). Nesta conceituação, é impossível transmitir conhecimentos, recordando que o que se transmitem são dados, que podem eventualmente ser incorporados a informações – e não conhecimentos – pelo seu receptor.

Para Latour (2000), o conhecimento é um produto social, mais do que algo gerado a partir da operação de um método científico privilegiado, e tal conhecimento pode ser visto como produto ou efeito de uma rede de materiais heterogêneos. Neste sentido, a construção de um determinado fato científico envolve a participação de humanos e não-humanos que passam despercebidos quando analisados apenas o produto final da ciência (ARAÚJO, 2009).

Em relação à temática do aleitamento materno, Almeida (1999, p. 12) destaca o fato que “o lidar com fatos e fenômenos relativos à amamentação tem seguido o modelo clássico da purificação”, que tende a separá-los entre o biológico e o social. Destaca que “o leite humano é um produto híbrido que se forma entre os domínios da natureza e da cultura, e não pode continuar a ser tratado apenas como um fluido biológico ímpar, capaz de reduzir os índices de morbimortalidade infantil entre lactentes” (ALMEIDA, 1999, p. 87).

O conhecimento científico oferece respostas de amplo espectro, que vão desde propriedades biológicas ímpares do leite até questões de cunho sócio-econômico. Estas respostas trazem consigo uma curiosa unanimidade: o fato de apresentarem contornos que as tornam agrupáveis, como partícipes de uma mesma trama, delineando uma rede que passa da psicoprofilaxia gestação-parto-puerpério à estrutura molecular das imunoglobulinas do leite humano, à ecologia microbiana, ao crescimento e desenvolvimento, aos Bancos de Leite, ao apego, ao vírus da AIDS, à política estatal, aos direitos da mulher, à propaganda de leite não-humano, aos mitos e a vários outros aspectos, que normalmente são reunidos em torno das vantagens que a amamentação oportuniza para criança, mulher, família e estado (ALMEIDA, 1998, p. 72).

Souza (2006, p. 65) explica que “amamentação, leite humano e mulher, enquanto objetos de estudo acerca da temática do aleitamento materno no século XX, dão forma a uma nova mudança paradigmática. Passam a constituir uma categoria híbrida, onde natureza e cultura não se separam”.

Ao utilizar os pressupostos teóricos de Latour (1994), Almeida (1999) aponta como um dos maiores problemas do atual paradigma da amamentação⁶, a tradicional divisão de tarefas, a separação entre ciência e sociedade, responsabilizando cientistas pela gestão do âmbito biológico e os políticos pela gestão do meio social, apresentando-se como incapaz de dar conta da dimensão híbrida da amamentação, onde fatos sociais e fenômenos biológicos, até então considerados como eventos independentes, têm sido tratados, seguindo o modelo clássico da purificação.

Em um universo de circunstâncias pós-modernas, não se faz possível admitir uma separação entre fato e teoria, como se fosse possível pensar num mundo que independa inteiramente daquilo que se pense dele. Há de sair da perspectiva do realismo puro, contemplado pelo atual modelo, para um realismo histórico, no qual a concepção de neutralidade científica é substituída pelas questões éticas das dinâmicas que se estabelecem entre o biológico e o social no cenário da amamentação (ALMEIDA, 1998).

Latour (1994) não admite ser possível, num mundo de circunstâncias pós-modernas, separar os dois conjuntos de leis: as leis transcendentais – que determinam o curso dos fenômenos naturais – e as leis imanentes – que condicionam o comportamento humano e os fatos sociais.

Concordando com Latour (1994), Almeida (1998, p. 75) atesta para o fato de que “a amamentação não deve ser tratada pela semiótica exclusivista da transcendência ou da imanência, mas como algo que resulta de fenômenos regidos pelas leis da ciência e dos homens, simultaneamente”. Ao considerar a amamentação como um híbrido natureza-cultura, este autor garante que a amamentação se constitui como fenômeno biológico e por determinantes sociais, regido por saberes e práticas que se constroem a partir da cultura e do concreto vivido pelos atores sociais.

⁶ Segundo Almeida (1999, p. 51), a necessidade de construir um novo paradigma da amamentação consiste na capacidade de compatibilizar os determinantes biológicos com os condicionantes socioculturais, os quais configuram a amamentação como uma categoria híbrida entre natureza e cultura.

3.3. A Teoria Ator-Rede e as Translações do Conhecimento

“O destino das coisas que dizemos e fazemos está nas mãos de quem as usar depois.” (LATOIR, 2000, p. 52)

O principal autor que fundamenta este estudo é Bruno Latour, crítico perspicaz que utiliza a Sociologia do Conhecimento para apresentar a atividade científica como processo social. É doutor em Filosofia, professor visitante da London School of Economics e do Department of the History of Science da Harvard University, e professor titular do Centre de Sociologie de l’Innovation (CSI) da École Nationale Supérieure des Mines, em Paris (FREIRE, 2006, p. 47).

Segundo Souza (2006, p. 41), “a característica principal de suas obras, geralmente está em não respeitar os limites estreitos da divisão acadêmica do conhecimento, recusando aceitar compartimentos estanques e bem definidos da ciência clássica”, e aponta a ciência como uma prática híbrida, nômade e heterogênea, que tem por efeito definir ao mesmo tempo a sociedade e a natureza, o sujeito e o objeto.

A TAR (em inglês, Actor-Network Theory - ANT) surge de um grupo de antropólogos, sociólogos e engenheiros franceses e ingleses associados, dentre os quais Latour, Callon e Law faziam parte. Freire (2006, p. 46) considera as contribuições da TAR enquanto um esforço de sistematização dos princípios e regras metodológicas subjacentes a uma forma de pensar e tratar a realidade que, ao invés de interpretar o mundo a partir das ‘grandes divisões’, visa descrevê-lo, levando em conta sua hibridização.

A autora considera que na TAR são contestadas o pensamento dualístico - construção do conhecimento com relação entre causa e efeito entre fenômenos da natureza, e a separação radical entre sujeito-objeto, característica pertencente ao pensamento ocidental. “Metodologicamente, trata-se de seguir as *coisas* através das redes em que elas se transportam, descrevê-las em seus *enredos* - é preciso estudá-las não a partir dos polos da natureza ou da

sociedade, com suas respectivas visões críticas sobre o polo oposto, e sim simetricamente entre um e outro” (LATOURE, 2004, p. 397).

A TAR se apresenta como um caminho inovador na busca de ampliar a compreensão sobre o que fundamenta a verdade científica, utilizando referenciais das ciências sociais, em especial da antropologia, para investigar a dimensão epistemológica da prática científica (SOUZA, 2006, p. 57). Para Latour (2004, p. 397), a TAR “(...) é antes de tudo, um método, um caminho para seguir a construção e fabricação dos fatos, que teria a vantagem de poder produzir efeitos que não são obtidos por nenhuma teoria social”.

A TAR é a formalização de um método de estudo, pautado nas noções de simetria, tradução, ator e rede. Engloba um conjunto de fatores heterogêneos, composto por objetos, pessoas, atitudes e interesses políticos e sociais que compõem uma rede. Esta teoria, também conhecida como Sociologia da Tradução, trata da mecânica do poder, neste caso, a construção do conhecimento (SOUZA, 2006, p. 37).

Para Melo (2008, p. 262), “a TAR está interessada no seguimento de eventos que ocorrem não mais somente em laboratórios, mas que têm sua inserção na vida comum, resultando em consequências práticas para seus atores”.

Trata-se de uma realização coletiva constituída por fluxos contínuos de translações através dos quais tomam forma cadeias de translações pela associação de elementos que buscam materialidades duráveis, que, no entanto, estão sempre abertas a negociações dada a entrada de novos elementos e da mobilização de novos fatos (CALLON, 1999 apud ANDRADE, 2010, p. 438).

Melo (2008, p. 258) explica que a TAR se constitui como valioso instrumento conceitual e prático para seguir os movimentos traçados nesta construção simultânea de homens e objetos, em que materialidade e socialidade se mesclam, tendo como resultado a nossa condição de humanidade. O autor entende o conhecimento como “um processo em cadeias no qual elementos são deslocados, mantendo algumas propriedades, ao mesmo tempo em que vão

diferindo do que eram em seu início, num desenrolar sem fim” (MELO, 2008, p. 267).

Na TAR, ator é tudo que age, imprime marca, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, entre outros. Ator na TAR não se refere apenas aos humanos, mas também aos não-humanos, que são capazes de agregar elementos em rede. Somente podem ser considerados atores aqueles elementos que produzem efeitos de suas ações na rede, que a modificam e são modificados por ela.

No caso deste estudo, podem ser considerados atores os componentes que produzem transformações ou imprimem marcas no âmbito da Rede BLH-BR, ou seja, que modificam a rede e são modificados por ela, tais como os autores dos trabalhos científicos dos congressos da Rede BLH-BR, os participantes dos congressos, as áreas temáticas abordadas, as abordagens metodológicas empregadas e as grades de programação científica.

Segundo a TAR, rede é aquela que nos remete a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes, sendo sua marca a transformação. Segundo Silva (1998), as redes tecnocientíficas formam laços que unem os nós⁷ formados por intermédio de atos cotidianos e contingentes do fazer científico, sendo uma lógica de conexões.

As redes científicas são consideradas abertas e ágeis: unem atores múltiplos, toleram mudanças, admitem rearranjos conforme as necessidades (Latour, 1994). Maia (2004, p. 49) considera que “o trabalho em rede é importante como ferramenta do compartilhamento do conhecimento; entretanto, as profundas diferenças culturais, econômicas e sociais delimitam a capacidade de apropriação do conhecimento disponibilizado”.

Segundo a definição de Latour (1994), redes são modos de configuração de nossa realidade sociotécnica. “Cada vez que um elemento trafega, a rede carrega consigo toda a sua história, transportando-a para outros

⁷ Nós, para Latour, referem-se à amarração capaz de manter juntos os elementos arrolados nos circuitos anteriores, ou seja, é o único elemento constitutivo onde partem as diversas conexões.

locais que não o seu de origem, estendendo seu alcance e transformando, assim, toda a rede” (LATOURE, 1994).

Latour (1994) redefine o próprio objeto de investigação da Sociologia das Ciências, que, ao invés de ser a construção social, passa a ser a sacionatureza. Não existe, portanto, natureza de um lado e cultura de outro, mas o híbrido natureza-cultura. Sob o mesmo ponto de vista, Almeida (1999) trabalha com o conceito de amamentação como um híbrido natureza-cultura. Para ele, trata-se de um fenômeno biológico - decodificado pela ciência - e um fato social - modulado por interesses econômicos, políticos e técnicos.

Latour (1994) argumenta que a tradicional divisão de tarefas, em que a gestão da natureza cabia aos cientistas e a gestão da sociedade aos políticos, tem se tornado cada vez mais incapaz de dar conta de fenômenos contemporâneos, como o buraco na camada de ozônio, embriões congelados e organismos geneticamente modificados. Neste sentido, Almeida (1999, p. 7) constata que:

A amamentação revela diferentes significados, que oscilam em torno de dois polos: natureza e cultura. A depender do momento e da finalidade de seu uso, esses significados ora se separam, ora se fundem. Às vezes, esses dois aspectos se associam de maneira tão intensa que um assume a denominação do outro, ou seja, para que a amamentação possa ser perpetuada como um hábito cultural, ela deve ser assimilada como algo que faz parte da natureza, não cabendo nenhum questionamento (ALMEIDA, 1999, p.7).

Segundo Almeida (1999, p. 51), é preciso “ultrapassar a biologia da amamentação, desenhada socialmente pelos higienistas no século XIX, em direção à social-biologia, entendendo como sociais todas as questões relacionais e culturais que permeiam este ato”. Segundo Chauí (2004 apud ARAÚJO, 2008), “é pela cultura que os humanos se humanizam, por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística, as quais se diferenciam a depender da formação social”.

Um ponto fundamental na TAR é a operação que o autor chama de tradução ou translação, ou seja, a interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses ou aos das pessoas que eles alistam. “A preocupação do autor é com a transformação que pode acontecer a uma alegação a ponto de deixá-la irreconhecível” (SOUZA, 2006, p. 49).

Segundo Latour (2000), o processo de disseminação, de acordo com o modelo de translação, começa quando alguém faz uma afirmação, e esta deve ser feita com o objetivo de estabelecer diálogo com pessoas que considerem esta afirmação indiscutível, ou seja, um fato.

Ao movimento de convencer pessoas de que a afirmação ou objeto que se quer disseminar será útil para seus interesses, Latour (2000) denomina “translação”, significando tanto tradução quanto movimento de deslocamento. Traduzir ou transladar significa deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos. Implica desvio de rota, invenção de um elo que antes não existia e que de alguma maneira modifica os elementos envolvidos (LATOUR, 2000).

Neste sentido, a disseminação de informações pode ser vista como uma série de translações de interesses, onde cada um tem a opção de se inserir na rede de conhecimentos oferecida por determinado grupo e se apropriar da informação disponível nela (PAULICS, 2004).

A compreensão da lógica de construção e disseminação do conhecimento vale, segundo Latour (2000), para todas as ciências, uma vez que todo o processo de construção do conhecimento ocorre em meio ao conflito de interesses de diferentes grupos e indivíduos (PAULICS, 2004). Como a disseminação envolve um grande número de ações, mesmo que se identifique uma única pessoa como sendo a responsável pelo processo, a disseminação é sempre uma ação coletiva (PAULICS, 2004).

Latour (2000) considera que a construção de um fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos. Isso significa que um fato científico só existe se for sustentado por uma rede de atores. Em meio a esta dinâmica, as afirmações vão se construindo e se transformando à medida em que são acrescentados novos

elementos por outros autores da rede, modificando seus domínios e fortalecendo seus argumentos, sendo incorporados a novos contextos.

3.4 Um perfil da trajetória dos bancos de leite humano no Brasil

As questões relacionadas à prática da amamentação, seja por intermédio da amamentação direta ao seio da mãe, da figura da ama de leite ou dos leites modificados, envolvem diferentes atores e grupos sociais que variam de acordo com o contexto histórico estudado. Diante do objeto do presente estudo – “O conhecimento transladado no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR”, faz-se necessário resgatar a história dos BLHs no Brasil, desde a sua primeira unidade implantada.

Almeida (1999) considera que a história dos BLHs pode ser dividida em duas fases. A primeira iniciada em 1943, com a implantação da primeira unidade no Instituto Nacional de Puericultura, que hoje é o Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), unidade materno-infantil da Fiocruz, pelos professores de Pediatria do Departamento Nacional da Criança, Mário Olinto e Adamastor Barbosa⁸. A segunda fase ocorreu a partir de 1985, constituindo um novo paradigma, que trabalha a amamentação como um híbrido natureza-cultura, modelo esse que funciona até os dias de hoje.

Na primeira fase, o BLH tinha como principal objetivo coletar e distribuir leite humano para atender os casos considerados especiais, como prematuridade, perturbações nutricionais e alergias. Neste período, o BLH não visava promover à amamentação, mas simplesmente o fornecimento de leite humano, tendo como propósito funcionar como “pronto-socorro dietético”, voltado para atender às necessidades especiais em que as fórmulas lácticas não apresentavam respostas adequadas (ALMEIDA, 1999).

Por ter sido a primeira unidade em funcionamento, entre as décadas de 40 e 70, serviu como modelo para outras instituições, repassando a proposta de operar exclusivamente com coleta e distribuição de leite humano, sem desenvolver atividades de promoção, proteção e apoio à amamentação.

⁸ Os precursores na implantação de BLH do país foram Mário Olinto e Adamastor Barbosa, do Departamento Nacional da Criança. Contudo, registros revelam que a primeira iniciativa de manipulação de leite humano ordenhado no Brasil teve lugar no Lactário de Leite Humano, construído por Martagão Gesteira, no Abrigo Maternal de Salvador, na Bahia (MAIA, 2004).

Vale destacar que somente a partir da criação do BLH-IFF/Fiocruz, a alimentação de crianças que não podiam contar com o leite das próprias mães se tornou possível, sem envolver a figura da ama de leite. Almeida (1999) explica que os BLHs também surgiram como resposta às falhas do paradigma do desmame comerciogênico, em substituição às amas de leite, sendo mantido este pensamento até a metade da década de 80.

Como o BLH tinha como único objetivo coletar leite humano era necessário atrair doadoras. O grande apelo era feito por intermédio dos benefícios oferecidos pelas doações e não o espírito de solidariedade humana, como ocorre nos dias de hoje. Parte do leite coletado era destinada a pacientes internados no próprio Instituto. No entanto, os receptores externos, após cadastro e com requisição médica, obtinham a maior parte do volume de leite humano. Para estes receptores, o leite distribuído era pago.

Os BLHs atuavam em condições operacionais impróprias, em sua maioria, apresentando risco para a saúde dos receptores. A maior preocupação era aumentar o volume de leite humano doado e não o incentivo à amamentação. Almeida (1999) chama atenção para o fato de muitas mulheres terem sido orientadas a assumir práticas comuns à pecuária leiteira, na qual o mais importante papel a ser cumprido pela cria é o de funcionar como elemento indutor da lactação.

Na década de 80, o Brasil passou a experimentar importantes transformações sociais no cenário do aleitamento materno, com o desenvolvimento de uma política estatal focada na temática. Foram formuladas políticas públicas em favor do aleitamento materno, ancoradas em ações de proteção (normas ou leis), promoção (divulgação na comunidade) e apoio (aconselhamento e orientação às mães) a esta prática (ARAUJO, 2008).

Em 1981, foi criado o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (Pniam), com diversas atividades em prol da amamentação, que tinham, segundo Souza (2006, p. 73), “o objetivo de atingir todos os grupos e segmentos sociais como profissionais e serviços de saúde, inclusive os hospitais, a mãe e suas condições trabalhistas, escolas, comunidades etc”.

Segundo Almeida (1999), as ações do Pniam visavam resgatar a amamentação enquanto um ato natural, instintivo, inato, biológico, reproduzindo o paradigma higienista do século XIX, visando, portanto, o condicionamento corporal da mulher para a amamentação, responsabilizando-a pela saúde do filho. O paradigma da amamentação fundado pelo movimento higienista operava pelo reducionismo biológico, marcado pela incapacidade de lidar com a ambivalência que se estabelece para a mulher entre o querer e o poder amamentar (SOUZA, 2003).

As ações se caracterizam pela verticalidade das construções e seguem a ideologia que reduz a amamentação a um atributo natural, comum a todas as espécies de mamíferos. Com este pano de fundo, as ações propugnadas se orientavam invariavelmente, para informar a mulher sobre as vantagens em ofertar o seio a seu filho e para responsabilizá-la pelos resultados futuros, decorrentes do sucesso ou do fracasso (ALMEIDA, 1999, p. 16).

Segundo Souza (2006), campanhas em favor do aleitamento foram divulgadas em emissoras de televisão entre 1982 e 1983, utilizando a imagem de artistas e famosos. “Amamentação: seis meses que valem uma vida” (FERREIRA, 2005). Porém, “o incentivo ao aleitamento materno sem a criação de condições para que o aleitamento se efetivasse, provocaria um brutal sentimento de culpa em mães impotentes para solucionar um problema do qual eram mais que tudo vítimas” (SOUZA, 2006, p. 86).

Neste sentido, Souza (2006, p. 125) destaca que “questionam-se as mães, seus conhecimentos e práticas, tentando estabelecer correlações e justificativas com base no modelo biológico, nas leis naturais, nos diversos cenários assistenciais”.

Este período, também foi marcado por debates e ações de incentivo à prática do aleitamento materno, inclusive no interior de instituições de pesquisa, que foram estimuladas a olhar para esta questão. “A literatura científica mostra que antes da década de 80 existiam poucos estudos sobre a prática do aleitamento materno no país, e que além de escassos, se limitavam a situações regionais” (ARAUJO, 2008, p. 73).

Neste sentido, Souza (2006) observa que a década de 80 se caracterizou pela construção de fatos voltados para o contexto assistencial, buscando novas estratégias para retomada da amamentação. Ocorreu a primeira legislação que regulamentou a implantação e o funcionamento dos BLHs, fruto de um convênio entre o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan), autarquia do Ministério da Saúde, responsável pelo planejamento de ações de promoção, proteção e apoio ao aleitamento natural, e a Fiocruz, em 1986, para a implantação do Centro de Referência Nacional para BLHs no IFF/Fiocruz.

Diante deste novo contexto para o aleitamento materno, os BLHs passaram a assumir novo papel no cenário da saúde pública brasileira, sendo considerados pelo Ministério da Saúde elementos estratégicos para as ações de promoção do atendimento aos lactentes que não podiam ser amamentados diretamente por suas mães.

A coleta, processamento e distribuição de leite humano passaram a assumir um papel secundário, constituindo apenas em uma parte das ações praticadas em favor do lactente clinicamente impossibilitado de ser amamentado pela própria mãe. Esta, por sua vez, tornou-se um dos principais alvos assistenciais do Banco de Leite (ALMEIDA, 1999, p. 104).

Esta década se destacou ainda por apresentar uma expansão no número de BLHs nunca antes registrada na história dessas unidades de serviço. Maia (2004, p. 60) destaca que “no intervalo de cinco anos (1985 a 1990) foram identificados 47 novos serviços. Na década seguinte, este número ultrapassaria 100 unidades”.

A medicina, sobretudo a pediatria, redescobriu as vantagens da amamentação natural e, sob a perspectiva da ciência, redesenhou o conhecimento com o rigor do método, no intuito de compatibilizar as peculiaridades fisiológicas do metabolismo do lactente com as descobertas acerca das propriedades biológicas ímpares do leite humano (ALMEIDA, 1998).

No que se refere à pesquisa na área do aleitamento materno, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), através da Secretaria de Atenção à Saúde e do Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas, revela que

informações sobre a situação do aleitamento materno exclusivo no Brasil começaram a ser coletadas também a partir da década de 80, quando estudos evidenciaram a importância dessa prática e da padronização de categorias e indicadores.

Diante deste cenário, a partir de 1985, iniciou-se um processo de reestruturação operacional dos BLHs em direção a se tornarem unidade a serviço da amamentação. Contudo, foi preciso romper completamente com o paradigma fundado em 1943, criando uma nova perspectiva:

O Banco de Leite Humano é um centro especializado, responsável pela promoção e incentivo ao aleitamento materno e execução de atividades de coleta, processamento e controle de qualidade de colostro, leite de transição e leite humano maduro, para posterior distribuição, sob prescrição de médicos ou de nutricionistas, sendo este obrigatoriamente vinculado a um hospital materno e/ou infantil. É uma instituição sem fins lucrativos, sendo vedada a comercialização dos produtos por ela distribuídos (ALMEIDA, 1999, p. 104).

Diante desta mudança de pensamento, a missão do BLH do IFF/Fiocruz, implantado para funcionar como ama de leite do século XX, rompeu com o paradigma e passou a condição de unidade de serviço de saúde, visando promover, proteger e apoiar o aleitamento materno, coletar e distribuir leite humano com qualidade certificada e contribuir para a diminuição da mortalidade infantil. “Tais dinâmicas permitem configurar a amamentação como um dos atributos que caracterizam a maternidade como um bem social compartilhado” (ALMEIDA, 1999, p. 15), ou seja, um híbrido natureza-cultura.

Neste sentido, Almeida (1999, p. 88) considera que diante desta nova perspectiva, “há de se operar um novo paradigma, capaz de ir além das possibilidades apresentadas pela matriz biológica – que se fundamenta na desconstrução do leite humano em favor da compreensão do significado social de seus constituintes”. A partir deste momento, um novo foco sobre a mulher começou a ser estabelecido, uma vez que ela não poderia continuar sendo

tratada apenas como mãe-nutriz, sendo considerada única responsável pela saúde do bebê e culpada pelo desmame precoce.

3.5 A Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR)


Considerada uma das principais ações da política pública brasileira voltada para a área de atenção à saúde da criança, a Rede BLH-BR se consolida de fato como rede em 1998, por iniciativa conjunta do Ministério da Saúde e da Fiocruz. O lançamento oficial do Projeto da Rede Nacional de Bancos de Leite Humano ocorreu durante o I Congresso da Rede BLH-BR, atribuindo ao IFF/Fiocruz a responsabilidade de desenvolver um programa de qualidade para as unidades que compõem a Rede BLH-BR e nortear a formulação, implantação e acompanhamento da política estatal, no âmbito de atuação dos BLHs no país.

A consolidação da Rede BLH-BR ocorre combinada com sua expansão e resulta de um processo histórico caracterizado pela busca da qualidade associada à experiência e conhecimentos acumulados no âmbito do BLH do IFF/Fiocruz (PORTAL DA REDE BLH-BR, 2011). Segundo Maia (2004), sua política de atuação é sustentada por dois fundamentos: a prática institucional com compromisso e responsabilidade social e o exercício de solidariedade social, que ocorre por meio das doações voluntárias de leite humano ordenado.

A partir de 1998, o movimento da Rede BLH-BR atravessou as fronteiras do território nacional e culminou, em 2001, com o recebimento do Prêmio Sasakawa concedido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), por ocasião da 54^a Assembleia Mundial de Saúde, em decorrência do impacto na redução da mortalidade infantil (MAIA et al., 2006).

Atualmente, a Rede BLH-BR é a maior e mais complexa do mundo, composta por 202 BLHs em operação e 99 postos de coleta distribuídos por todas as regiões do país, que segundo Almeida (2011)⁹, dão conta de 60% das necessidades nutricionais atuais do território brasileiro. Sua produção referente ao ano de 2010 pode ser observada na Figura 1.

⁹ Entrevista concedida pelo coordenador da Rede BLH-BR, Dr. João Aprígio Guerra de Almeida, em janeiro de 2011, à Revista Radis/Fiocruz .

Quadro 3: Relatório de Produção da Rede BLH-BR – janeiro a dezembro de 2010


Relatório de produção - Geral - Jan/2010 a Dez/2010

Mês / Ano	Atend. em Grupo	Atend. Individual	Visita Domiciliar	Doadoras	Receptores	Leite Humano Coletado	Leite Humano Distribuído	Leite Humano Transferido	Leite Humano Recebido	Exame microbiológico	Crematócrito	Acidez Dornic
Jan / 2010	20.558	85.177	16.070	12.090	12.553	12.897,9	10.276,7	871,2	871,2	41.492	39.339	46.870
Feb / 2010	19.305	84.390	15.636	12.074	11.598	12.135,4	9.971,2	608,1	608,1	37.440	36.964	42.499
Mar / 2010	23.042	96.696	18.890	14.095	13.055	13.927,1	11.163,9	899,8	899,8	45.639	44.143	52.445
Abr / 2010	23.933	97.544	17.559	13.064	12.884	13.380,9	10.573,0	741,7	741,7	43.185	43.178	51.800
Mai / 2010	24.845	93.380	18.890	13.970	12.754	13.536,1	12.060,7	902,0	902,0	43.654	43.374	49.111
Jun / 2010	24.524	93.634	18.096	12.774	12.599	14.026,7	11.976,6	984,5	984,5	42.593	40.928	47.396
Jul / 2010	23.226	87.855	18.885	12.796	12.459	14.067,6	9.848,4	983,7	983,7	41.304	40.411	45.543
Ago / 2010	25.537	93.996	20.080	13.100	12.485	15.161,4	10.188,6	1.281,4	1.281,4	44.199	42.178	49.756
Set / 2010	27.400	86.058	18.763	12.995	12.890	14.764,8	9.644,1	1.092,1	1.092,1	41.452	39.286	46.561
Out / 2010	26.299	90.253	17.461	12.594	12.520	13.723,9	10.291,2	871,3	871,3	41.528	38.928	48.045
Nov / 2010	27.008	82.039	16.548	11.651	11.854	12.401,6	9.679,2	509,8	509,8	40.354	36.385	47.854
Dez / 2010	20.127	87.481	15.483	11.584	11.918	11.414,1	9.450,4	654,7	654,7	37.147	34.526	43.505
TOTAL	296.934	1.078.503	212.523	182.747	149.569	181.457,5	125.164,0	10.400,3	10.400,3	499.905	481.540	571.464

Fonte: Portal da Rede BLH-BR. Disponível em www.redeblh.icict.fiocruz.br

Os resultados alcançados anualmente com a prestação de serviços e o processo de armazenamento, coleta e pasteurização de leite humano evidenciam o impacto positivo de sua atuação para o campo da saúde materno-infantil brasileira. Por ano, cerca de 150 mil litros de leite humano pasteurizado com qualidade certificada são distribuídos a mais de 135 mil recém-nascidos internados em unidades de terapia intensiva / semi-intensiva, envolvendo a participação de 115 mil mães que integram voluntariamente o programa de doação.

Além disso, a cada ano, mais de 1.350.000 mulheres, gestantes e nutrizes, recorrem aos BLHs em busca de apoio assistencial para amamentar diretamente seus filhos. Segundo Almeida (1999, p. 88), “o problema focado pelo novo paradigma consiste em como reatar os laços que se estabelecem entre o biológico e o social, retrazando a rede desenhada pelo leite humano”.

A ação coordenada, a investigação e o desenvolvimento tecnológico são os elementos mais importantes de apoio da Rede BLH-BR, que possibilitam conciliar um alto rigor técnico com baixo custo operacional, que garante qualidade reconhecida internacionalmente e respostas para as diferentes demandas geradas pela sociedade brasileira (PORTAL DA IBERBLH, 2011). Vale ressaltar que sua missão envolve questões referentes à promoção e

expansão quantitativa e qualitativa dos BLHs no Brasil, mediante integração e construção de parcerias entre órgãos federais, iniciativa privada e sociedade.

Na medida em que a Rede BLH-BR foi se ampliando, gestores perceberam a necessidade de criar espaços para o tratamento da difusão da informação científica e tecnológica em sua área de atuação. Por esta razão, a Rede BLH-BR buscou parceira com o Ict/Fiocruz, que passou a ser polo de articulação de todas as questões voltadas para a comunicação e a informação no âmbito da Rede BLH-BR.

Vale destacar que o centro de referência nacional para BLHs permanece sob gerência do IFF/Fiocruz, que se responsabiliza por toda a dimensão biológica no âmbito da Rede BLH-BR, que envolve questões assistenciais de apoio à amamentação, de controle de qualidade do leite humano, coleta, armazenagem, pasteurização e distribuição, competindo ao Ict/Fiocruz fatores relacionados à gestão do conhecimento em rede (ALMEIDA, 2011)¹⁰.

Em 2005, foi criado o Centro de Tecnologia e Informação em Bancos de Leite Humano e Aleitamento Materno (CTIBLHAM), que formaliza a parceria entre a Rede BLH-BR e o Ict/Fiocruz, ou seja, a interação de informação e comunicação no campo da ciência e tecnologia em saúde com a política de ampliação de BLHs (PORTAL DA REDE BLH-BR, 2011).

O CTIBLHAM apresenta como objetivo: promover a extensão da cobertura da Rede BLH-BR com ênfase para as regiões de risco, com vistas a redução da mortalidade infantil e em atenção ao cumprimento dos objetivos do milênio. Além disso, este centro realiza ações de ensino, capacitação e treinamento de recursos humanos, contribui para a ampliação do Sistema de Informações e Vigilância em BLHs, e busca desenvolver, difundir e implementar tecnologias no âmbito da América Latina (PORTAL DA REDE BLH-BR, 2011).

O êxito desta experiência inspirou a criação do Programa Iberoamericano de BLHs, aprovado em 2007, no Chile, que já resultou na implantação de BLHs em 23 países, incluindo o Brasil, sendo eles: Argentina, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Portugal,

¹⁰ Relato concedido pelo coordenador da Rede BLH-BR, Dr. João Aprígio Guerra de Almeida, em 18 de julho de 2011.

Panamá, Paraguai, Peru, Andorra, Chile, Nicarágua, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, República Dominicana, México e Cuba, e na formulação de projetos de cooperação com outros países da Iberoamérica (PORTAL DA IBERBLH, 2011).

O Programa Iberoamericano de BLHs apresenta como objetivo apoiar a implantação de pelo menos um BLH em cada país, capaz de atuar como núcleo de referência da Rede Iberoamericana e como um espaço de intercâmbio de conhecimentos e tecnologia no campo do aleitamento materno e BLHs, sendo o programa considerado estratégico para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, com foco na redução da mortalidade infantil.

Desde então, a Rede vem ampliando seu espaço de atuação, tanto em função da permanente modernização de seu modelo de gestão, quanto pela geração de conhecimento (MAIA, 2004). Para Almeida (1999), a Rede BLH-BR vem sendo construída progressivamente, expandindo os BLHs por todo o país, por intermédio de investimentos em pesquisa e em treinamentos de equipes, difundindo normas técnicas e qualificação profissional.

Segundo Maia (2004), o novo paradigma da amamentação foi fortemente influenciado pela atuação de profissionais altamente qualificados. Ocorreram avanços na atividade acadêmica por intermédio da formação de recursos humanos de nível médio, superior e de pós-graduação *stricto sensu*, atividades de investigação científica e de desenvolvimento tecnológico. Além disso, passou a promover eventos científicos, como seminários e congressos, e a realizar programas de treinamento, cooperação técnica e consultoria (MAIA, 2004).

Neste contexto, o BLH-IFF assume o papel de polo de produção, absorção e difusão do conhecimento na sua área de atuação, mediante a geração de ações, metodologias, tecnologias e soluções alternativas, compatíveis com os diferentes níveis das unidades que prestam esse tipo de atendimento (ALMEIDA, 1999).

Maia (2004) destaca que os integrantes da Rede BLH-BR mantém constantes relações entre si e também com atores de outras redes. Neste

sentido, o autor considera que as redes são espaços de articulação que agregam diversos indivíduos, cujo engajamento coletivo favorece o estabelecimento de vínculos, oportuniza espaço para reflexão, troca de experiências e busca de soluções para problemas comuns.

O aumento expressivo de BLHs resultou em estratégias para garantir condições adequadas para o tratamento e aproveitamento das informações produzidas. Diante desta necessidade de ampliação do conhecimento, a informação disponível na Rede BLH-BR se torna elemento estratégico que, atuando em um dado espaço histórico, representa uma intencionalidade política capaz de introjetar novos valores culturais e científicos em contraponto à cultura colonizada e de mercado, que preconiza a adoção da alimentação artificial (BVS-AM, 2005).

Os resultados alcançados anualmente com a prestação de serviços e a produção do conhecimento sobre o leite humano evidenciam o impacto positivo de atuação da Rede BLH-BR no campo da saúde materno-infantil brasileira. O aleitamento materno, atualmente, é compreendido como a estratégia isolada que mais previne mortes infantis, além de promover a saúde física, mental e psíquica da criança e da mulher que amamenta (BRASIL, 2009).

CAPÍTULO 4

4 METODOLOGIA

4.1 O Caminho do Estudo

Este é um estudo de natureza quantitativa, de caráter descritivo, centrado no conhecimento transladado no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR. O estudo procurou identificar e analisar os trabalhos científicos apresentados nos cinco congressos da Rede BLH-BR, em busca de mapear os elementos estruturantes que norteiam tais processos de construção.

Para tanto, verificou-se a abordagem teórica e metodológica e as áreas temáticas de maior interesse por parte dos autores de toda a produção científica, composta por 860 trabalhos científicos. Para traçar um perfil do movimento de construção do conhecimento no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR, estes elementos foram quantificados, gerando três bases de dados no programa Excel para cada um dos congressos analisados.

Tendo em vista as diferentes abordagens sobre o aleitamento materno e bancos de leite humano verificadas nos trabalhos apresentados, fez-se necessário agrupá-los em subáreas do conhecimento, definidas nos estudos de Maia (2004), uma vez que a classificação de áreas do conhecimento apresentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi insuficiente quanto à abrangência das temáticas conferidas no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR.

As subáreas propostas por Maia (2004) foram: 1- Amamentação, Cultura e Cidadania; 2- Assistência à Amamentação; 3- Tecnologia de Alimentos em Bancos de Leite Humano; 4- Gestão de Qualidade em Bancos de Leite Humano; 5- Informação / Comunicação em Bancos de Leite Humano.

Também foram verificadas as grades de programação científica, que estão disponíveis nos anais dos congressos a partir do II, e que contemplam os títulos das conferências, sessões, simpósios e cursos, abordando temas

relacionados à área central de discussão de cada congresso. O agrupamento também seguiu a classificação apresentada nos estudos de Maia (2004).

Em relação à abordagem metodológica, foram analisados o caráter formal e informal dos trabalhos apresentados em todos os congressos da Rede BLH-BR. Esta classificação se fez importante diante do perfil dos trabalhos identificados nos congressos da Rede BLH-BR, que abre oportunidade para publicações de trabalhos acadêmicos, que seguem as especificidades pertencentes à ciência clássica, ou referentes à experiência na prática do trabalho no âmbito da Rede. Neste sentido, estudos que não apresentaram métodos de construção definidos *a priori* foram aqui classificados como “narrativa de casos”, categoria que integra o desenho de estudo “relato de experiência”.

Para a análise descritiva, foram resgatados elementos da política pública de incentivo ao aleitamento materno e expansão dos BLHs no Brasil, bem como a historicidade desses serviços, e consultadas fontes documentais disponibilizadas pela sede da Rede BLH-BR, teses de doutorado e dissertações de mestrado localizadas no acervo da Biblioteca da Saúde da Mulher e da Criança do IFF/Fiocruz, artigos e livros que versam sobre a temática.

Vale ressaltar que os dados coletados e analisados são de domínio público, disponibilizados no endereço eletrônico www.redeblh.fiocruz.br.

CAPÍTULO 5

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Resgatando a História: O Período Pré-Congresso

Os congressos da Rede BLH-BR começam a se apresentar de fato como congressos científicos em 1998, ano de realização do I Congresso da Rede BLH-BR, ocorrido no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. Na ocasião, organizou-se dois outros eventos: o III Encontro Nacional de Bancos de Leite Humano e o I Fórum de Vigilância Sanitária em Bancos de Leite Humano.

O I Congresso da Rede BLH-BR foi de extrema importância para a mudança de cenário do aleitamento materno no Brasil e foi resultado de dois outros movimentos anteriores trabalhados no mesmo sentido: o I e o II Encontros Nacionais de Bancos de Leite Humano, ambos realizados na cidade do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade do IFF/Fiocruz e do Centro de Informação Científica e Tecnológica (Cict/Fiocruz), atual Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz).

O I Encontro Nacional de BLHs ocorreu em 1992, reunindo 150 profissionais de todo o país. Teve como base a troca de experiências, que permitiu a definição do planejamento estratégico para o setor, adotando como referência os anseios e necessidades que emergiram da realidade vivenciada pelos integrantes de cada uma das instituições participantes. Na ocasião, surgiu a concepção de um modelo de gestão para os BLHs no Brasil, que contemplasse desenvolvimento de um sistema de planejamento estratégico integrado, representando o primeiro passo na direção da construção do projeto da Rede Nacional de Bancos de Leite Humano (MAIA et al., 2006).

O I Encontro Nacional de BLHs foi fruto da percepção de que os investimentos na formação de recursos humanos para a área, em seus diferentes graus de complexidade, configuraram-se em um dos elementos estratégicos para a expansão dos BLHs por todo o Brasil. Nesta perspectiva, percebeu-se

que ao abrigarem profissionais habilitados, poderiam se transformar em um dos mais importantes *locus* do setor saúde capaz de se contrapor às verdades científicas, construídas pelos serviços de informação científica dos fabricantes de leites modificados (BRASIL, 2007).

Em 1995, realizou-se o II Encontro Nacional de BLHs, com a participação de representantes de 98% dos BLHs e cerca de 300 profissionais da área. Segundo Maia et al. (2006), devido ao baixo nível de investimento de políticas públicas na área dos BLHs no período, os participantes discutiram alternativas para o fomento dessas unidades, planejando inclusive a criação de uma associação. Contudo, como o Ministério da Saúde compreendeu a importância de voltar a investir no setor e rapidamente respondeu as demandas destes serviços, a criação da associação não ocorreu.

Em decorrência destes dois encontros nacionais, Almeida¹¹ (2011) pontua que o centro de referência nacional para BLHs do IFF/Fiocruz já reunia os elementos necessários para organizar um primeiro congresso científico em sua área de atuação, ampliando a oportunidade do debate e exposição dos trabalhos desenvolvidos no âmbito da Rede BLH-BR. Surge, então, em 1998, o I Congresso da Rede BLH-BR.

¹¹ Relato concedido pelo coordenador da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano (Rede BLH-BR), Dr. João Aprígio Guerra de Almeida, em 14 de junho de 2011.

5.2 Os congressos e suas trajetórias

Tabela 1 – Tema central, quantitativo dos trabalhos publicados nos anais dos cinco congressos da Rede BLH-BR e número de participantes

Congresso	Tema Central	Trabalhos Apresentados	Participantes
Nº ANO			
I 1998	Informação, Educação e Qualidade em Bancos de Leite Humano	29	700
II 2000	Excelência em Bancos de Leite Humano: uma visão de futuro	150	1200
III 2002	Pesquisa e desenvolvimento tecnológico em Bancos de Leite Humano	204	1500
IV 2005	Bancos de Leite Humano: uma rede de proteção à vida: duas décadas de política pública no Brasil	253	2391
V 2010	O compromisso dos Bancos de Leite Humano com os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio	224	1000

Fonte: Anais dos Congressos da Rede BLH-BR

A distribuição dos trabalhos apresentados por ano de realização dos congressos da Rede BLH-BR e o número de participantes (Tabela 1) evidenciam uma tendência crescente até o V Congresso, ocorrido em 2010. Este fato pode ser justificado devido ao número de inscrições neste congresso

ser limitado a 1000. Diante desta constatação, torna-se evidente a relevância dos congressos da Rede BLH-BR para a construção do conhecimento na área do aleitamento materno e BLHs e para o compartilhamento das informações geradas no âmbito da Rede BLH-BR.

5.2.1 I Congresso da Rede BLH-BR: Informação, Educação e Qualidade em Banco Leite Humano

O I Congresso da Rede BLH-BR foi realizado no período de 8 a 12 de julho de 1998, na cidade de Brasília (DF). O evento reuniu cerca de 700 profissionais, representando aproximadamente 95% das 104 unidades de BLH de todo o país. O I Congresso influenciou de forma positiva o futuro da organização dos BLHs no Brasil, constituindo-se como importante fórum para compartilhamento do conhecimento produzido.

Almeida (1999) destaca que no cenário da produção de saúde e do conhecimento, a década de 90 é marcadamente o período em que ocorrem as mais importantes mudanças das lentes pelas quais os profissionais passam a enxergar o aleitamento materno. Neste período, ocorreram grandes transformações nas questões relacionadas à ciência e tecnologia, economia e globalização da informação. Entre estas mudanças estava a atenção na área do aleitamento materno (ALMEIDA, 1999).

Tabela 2 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por área temática

Área temática	Quantitativo	(%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	6	21%
2- Assistência à Amamentação	12	41%
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	6	21%
4- Gestão da Qualidade em BLH	5	17%
5- Informação / Comunicação em BLH	---	---

O I Congresso possibilitou o debate entre os gestores de BLHs sobre o atual paradigma de amamentação, trazendo a mulher para o centro da cena,

reconhecendo-a como ator principal que precisa ser entendido e não simplesmente responsabilizado. Este fato foi resultado da necessidade de reverter os índices de mortalidade infantil, permitindo que profissionais de saúde fossem em busca de uma resolutividade imediata, que contemplasse questões emocionais, culturais e sociais da mulher em fase de amamentação.

Vale ressaltar que até este momento a mulher configurava papel coadjuvante nas ações de aleitamento materno no Brasil, tendo como foco a saúde da criança. “Historicamente, tudo se resumia à clínica da criança, à técnica da amamentação e às bases fisiológicas da lactação” (SOUZA, 2003, p. 1). Neste sentido, Almeida (2000 apud SOUZA, 2006, p. 146) considera que:

O paradigma da amamentação biologicista, verticalizado, seguindo o modelo higienista, não responde de fato às dúvidas nem preenche os vazios de conhecimento, especificamente em relação ao paradoxo do desmame. Sendo assim essa prática verticalizada do cuidar em amamentação passa a “incomodar”, apontando para as necessidades de compreender as questões singulares da mulher como foco deste processo (ALMEIDA, 2000 apud SOUZA, 2006, p. 146).

Souza (2006, p. 127) menciona que a inquietação do cotidiano passa a se concretizar também na academia, onde “estudos focando a mulher-mãe como protagonista passam a tratar os condicionantes sociais com tanta ênfase quanto os determinantes biológicos”.

A preocupação com os aspectos assistenciais e culturais pode ser constatada na Tabela 2, onde a área temática 1 abrange aproximadamente 20% dos trabalhos apresentados e a área 2 predomina em relação às outras quatro áreas temáticas, representando mais de 40% dos trabalhos, o que confere às áreas 1 e 2 cerca de 60% da produção científica do I Congresso da Rede BLH-BR.

Almeida (1998) pontua que a década de 90 representa um momento singular na construção e apropriação do conhecimento sobre a temática, onde natureza e cultura, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade não se separam. “O tradicional reducionismo biológico vem observando progressiva

tendência de substituição, cedendo lugar a interpretações culturais que não reduzem o ser humano à condição de um mamífero qualquer” (ALMEIDA, 1999, p. 7).

Surge, então, o conceito de amamentação como híbrido natureza-cultura, categorizado por Almeida a partir de 1998, que se constrói com características, propriedades e atributos definidos tanto pela natureza como pela cultura.

Tabela 3 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica	Quantitativo	(%)
Quantitativa	18	62%
Qualitativa	3	11%
Quanti-Qualitativa	1	3%
Narrativa de Casos ¹²	7	24%

Tabela 4 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do I Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico

Referencial Teórico e Metodológico	Quantitativo	(%)
Estudo Transversal	16	55%
Estudo de Coorte	3	10%
Estudo de Caso	2	7%
Estudo de Revisão Bibliográfica	1	4%
Relato de Experiência	7	24%

¹² Categoria proposta pela autora deste estudo para os trabalhos referentes a relatos de casos, que se resumem a narrar experiências dos autores.

O I Congresso imprimiu marcas na Rede BLH-BR. Segundo Almeida (1999), foi um momento de reafirmação da importância da qualificação dos profissionais, através da educação e da busca de novos instrumentos e referenciais teóricos e metodológicos, capazes de fortalecer a sua própria forma de atuar.

Na Tabela 3 e 4, observamos o predomínio da abordagem quantitativa nas modalidades de estudo transversal e estudo de coorte. Observa-se o emprego da abordagem metodológica qualitativa em cerca de 10% do total de trabalhos deste período, inaugurando, como destaca Almeida¹³ (2011), um novo ciclo do conhecimento em aleitamento materno: a introdução da pesquisa qualitativa na Rede BLH-BR.

Nos estudos qualitativos apresentados neste congresso, destacam-se os referenciais teóricos e metodológicos nas modalidades de estudo de caso e estudo de referência bibliográfica. Souza (2006) explica que a abordagem qualitativa, cuja proposta mais compreensiva permite a expressão de significados e sentimentos, aponta a amamentação enquanto possibilidade no cotidiano feminino. A autora destaca que “com esse novo ciclo iniciado na rede do conhecimento em aleitamento materno, surgem novos referenciais teóricos e metodológicos, conferindo nova consistência epistemológica ao conhecimento voltado para as demandas subjetivas da mulher” (SOUZA, 2006, p. 128).

Vale ressaltar que o I Congresso surgiu da necessidade de possibilitar a exposição e o debate de vários desenhos de estudo de trabalhos desenvolvidos no âmbito da Rede BLH-BR, tais como relatórios de pesquisa, relatos de experiência, dissertações de mestrado, teses de doutorado, entre outros.

Neste sentido, encontram-se um quantitativo significativo de trabalhos sem método de construção definido *a priori*, que foram aqui classificados como “narrativa de caso” e, conseqüentemente, sem emprego de referenciais teóricos e metodológicos, que integra neste estudo a modalidade de “relato de experiência”.

¹³ Relato concedido pelo coordenador da Rede BLH-BR, Dr. João Aprígio Guerra de Almeida, em 14 de junho de 2011.

Maia et al. (2006) consideram que o I Congresso possibilitou que profissionais responsáveis pelas mais variadas atividades na Rede BLH-BR pudessem exercer de forma interativa, o compartilhamento do conhecimento que vem sendo construído tanto na rotina de sua prática diária, como no exercício da atividade acadêmica.

Segundo a comissão organizadora do I Congresso, o produto mais importante do evento foi o lançamento oficial do Projeto da Rede Nacional de BLHs, da Secretaria de Políticas de Saúde, do Ministério da Saúde, com a responsabilidade de desenvolver um programa de qualidade para as unidades que compõem a Rede, conforme apresentado neste estudo no subcapítulo 3.5. O Projeto da Rede Nacional de BLHs apontava para a ampliação gradual da rede, na direção de atuar de forma interativa e compartilhada.

Nesta ocasião, também foi realizado o I Fórum de Vigilância Sanitária em Bancos de Leite Humano, que procurou trazer orientações referentes às atividades envolvidas no processamento do leite humano ordenado. Neste sentido, o I Congresso marcou a consolidação da parceria com a Vigilância Sanitária nacionais e estaduais, na busca do crescimento quantitativo e qualitativo dos BLHs (ALMEIDA, 1999). “Enquanto em várias regiões do mundo os bancos de leite humano foram fechados, por questões de segurança operacional e risco biológico, o Brasil viveu franco processo de expansão” (MAIA, 2004, p. 61).

5.2.2 II Congresso da Rede BLH-BR: Excelência em Bancos de Leite Humano: uma visão de futuro

O II Congresso da Rede BLH-BR ocorreu de 18 a 22 de junho de 2000, na cidade de Natal (RN). Nesse período, a Rede Nacional de BLHs sedimentou um novo modelo de gestão mais apropriado à realidade brasileira, que trazia a proposta do trabalho em rede, que se apresentava como solução adequada para os BLHs, que se encontravam em processo de expansão. Essa nova lógica operacional contribuiu para a expansão das atividades da Rede BLH-BR para todo território nacional e também para o exterior (MAIA et al., 2006).

O II Congresso teve como objetivo ampliar a visão e romper com as fronteiras geográficas. Na ocasião, ocorreu também o I Congresso Internacional de Bancos de Leite Humano, que possibilitou a oportunidade de permear a experiência brasileira nas diferentes regiões do mundo.

Neste contexto, o II Congresso se caracterizou no cenário internacional como momento de afirmação da posição de vanguarda do Brasil em relação à geração de conhecimento na área que, segundo Maia et al. (2006), conferem à Rede BLH-BR, no que concerne ao seu modelo de atuação, uma posição diferenciada de outras experiências brasileiras existentes.

A ampliação da visibilidade do modelo brasileiro para outros países, deu início ao processo que culminou com o reconhecimento da Rede BLH-BR pela OMS, durante a 54^o Assembleia Mundial de Saúde, pela efetiva contribuição para a redução da mortalidade infantil.

Além do Brasil, estiveram presentes lideranças de Bancos de Leite Humano de países da América Latina, América do Norte, França, Reino Unido, Estados Unidos e Venezuela, que destacaram suas realidades em busca de novos caminhos. Contou também com a participação de conferencistas internacionais do México e da Suíça, expondo sobre a situação do aleitamento materno e da Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) em seus países.

Em relação ao quantitativo dos trabalhos apresentados, o II Congresso da Rede BLH-BR registrou um número cinco vezes maior quando comparado ao I Congresso, para um público constituído de profissionais não apenas do

Brasil, mas de vários países. Este aumento possivelmente tem relação com as ações de incentivo ao aleitamento materno e ao movimento de expansão da Rede BLH-BR por diferentes regiões do país.

Tabela 5 – Quantitativo dos trabalhos publicados e da programação científica nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por área temática

Área temática	Trabalhos Publicados (%)	Programação Científica (%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	37 (25%)	13 (36%)
2- Assistência à Amamentação	75 (50%)	6 (17%)
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	25 (17%)	7 (19%)
4- Gestão da Qualidade em BLH	12 (8%)	10 (28%)
5- Informação / Comunicação em BLH	1 (0,6%)	----

A partir deste congresso, a grade com a programação completa passa a estar disponível em todos os anais dos congressos da Rede BLH-BR, o que nos abre mais uma oportunidade para entender como o conhecimento é transladado no âmbito da Rede BLH-BR. Ao agrupá-las em áreas temáticas definidas nos estudos de Maia (2004), percebemos que o debate permeou por quatro áreas, exceto a área temática 5, que não fez parte da programação. Os destaques da programação científica foram para as áreas temáticas 1 e 4, conforme podemos conferir a seguir.

Área Temática 1
1. A Amamentação no Contexto da Política Pública Nacional de Saúde
2. Amamentação e Município

3. A Participação da Sociedade Organizada em favor da Amamentação
4. Amamentação: A busca de um novo modelo; Mulher, trabalho e amamentação
5. Interferência do Marketing na Amamentação
6. Prevalência de Aleitamento Materno no Brasil
7. Estratégia de Sobrevivência e Desenvolvimento da Criança
8. Novos caminhos para o cumprimento da Norma de Comercialização de Alimento para lactentes
9. Estética e Amamentação: Fatos e Mitos; Bases Científicas nos 10 passos para o Sucesso do Aleitamento Materno
10. Custos e Economias na Implantação do Hospital Amigo da Criança
11. Situação da IHAC no Mundo; História, Evolução e Perspectiva da IHAC no Brasil
12. Como o Brasil trabalha o Método Canguru
13. A Iniciativa Hospital Amigo da Criança e o Sistema Único de Saúde: uma aliança em favor da amamentação

Área Temática 2

1. Pré-Natal, HIV/Aids e Aconselhamento
2. Percepção de Maternidade e Amamentação em Mães Adolescentes
3. Abordagem da Mama Lactante
4. Amamentação e Aids
5. As singularidades na Amamentação
6. Problemas e desafios enfrentados pela mulher infectada pelo HIV

Área Temática 3

1. Avanços do Conhecimento Científico sobre o Sistema Imune do Leite Humano

2. Aspectos práticos, éticos, legais e epistemológicos do uso de fortificantes
3. Controle de Qualidade Físico-Químico e Microbiológico do Leite Humano
4. Microbiota do Leite Humano
5. O uso do leite humano em Unidade Neonatal
6. Doenças Infectocontagiosas no Cotidiano dos Bancos de Leite Humano
7. Benefícios do Leite Humano na Gastroenterologia Pediátrica

Área Temática 4

1. Excelência em Bancos de Leite Humano: uma visão de futuro
2. A Experiência dos BLH na França
3. Projeto e instalação em Banco de Leite
4. A Experiência de Bancos de Leite Humano na Inglaterra
5. Banco de leite Humano na América Latina e Caribe
6. Doadoras e doações: como ampliar a captação
7. Qualidade em Bancos de Leite Humano: Programa da Qualidade da Rede Nacional
8. Vigilância Sanitária em Bancos de Leite Humano
9. BLH na América do Norte
10. Como construir uma Rede Mundial de Bancos de Leite Humano. Propostas do Brasil, América Latina e Caribe, América do Norte e Europa

Na Tabela 5, observa-se que a área temática 4 teve grande evidência durante o congresso, contemplando 28% da grade da programação científica. Esse fato aponta para o tema central e para os objetivos do II Congresso, que pretendeu ampliar a visão sobre a excelência em BLHs e romper com as fronteiras geográficas, expandindo a Rede BLH-BR para o cenário internacional.

O II Congresso da Rede BLH-BR trabalhou na perspectiva de entender que a amamentação é uma categoria que se constrói com atributos definidos tanto pela natureza como pela cultura, ou seja, tanto pela dimensão biológica quanto pela social. Este fato pode ser conferido na Tabela 5, onde a área temática 1 concentra 25% dos trabalhos apresentados, evidenciando a mudança na concepção dos profissionais da área sobre a amamentação, levando em conta os aspectos culturais. As questões assistenciais representam o maior quantitativo neste congresso, concentrando 50% dos trabalhos apresentados.

Sobre a área temática 1 da programação científica, que conduziu mais de 36% das discussões do II Congresso, observa-se que entre as 13 conferências e mesas-redondas, quatro se referem à IHAC. Este fato provavelmente tem relação com o lançamento do I Encontro Nacional de Hospitais Amigo da Criança que, após seu início em 1999, segundo Souza (2003), trouxe novo fôlego para o circuito das políticas estatais, passando a incorporar os significados de proteção e apoio à amamentação, superando as formulações que anteriormente só contemplavam aspectos relativos à promoção.

Neste período, o ato de amamentar, visto como processo meramente biológico e instintivo, passou a ser considerado insuficiente de dar conta do processo complexo que envolve a amamentação e abriu espaço para um olhar ampliado sobre o conhecimento na área, onde aspectos biológicos, sociais, econômicos e políticos estão envolvidos na mesma rede.

Durante as atividades do II Congresso, ocorreu a formulação de diretrizes para um novo programa de qualificação de recursos humanos, com base no curso "Processamento e Controle de Qualidade de Leite Humano", sendo considerado pela Rede BLH-BR um dos importantes resultados deste evento (ALMEIDA & MAIA, 2004).

A Rede BLH-BR também passou a investir em seu desenvolvimento tecnológico. Em projeto de parceria com o Icict/Fiocruz foi lançado o Portal da Rede BLH-BR - www.redeblh.fiocruz.br (MAIA et al., 2006), fato que comprova que a informação e o conhecimento passam a ser estratégicos para o compartilhamento do conhecimento no âmbito da Rede BLH-BR. No entanto,

a Tabela 5 mostra que esta área temática é contemplada em menos de 1% dos trabalhos apresentados e não foi contemplada na programação científica deste congresso.

Tabela 6 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica	Quantitativo	(%)
Quantitativa	80	53%
Qualitativa	22	15%
Quanti-Qualitativa	3	2%
Narrativa de Casos	45	30%

Tabela 7 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do II Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico

Referencial Teórico e Metodológico	Quantitativo	(%)
Estudo Transversal	80	54%
Ensaio Clínico	2	1%
Estudo de Caso	1	0,6%
Estudo de Revisão Bibliográfica	5	3%
Interacionismo Simbólico	1	0,6%
Referencial não identificado pelo autor	12	8%
Relato de Experiência	48	32%

As Tabela 6 e 7 evidenciam que mais da metade dos trabalhos apresentados utilizam as modalidades de estudo transversal e ensaio clínico. A

abordagem qualitativa representou 15% da produção, nas modalidades de estudo de revisão bibliográfica e interacionismo simbólico, indicando o uso de novos referenciais nos estudos qualitativos. 2% dos estudos trabalharam com a abordagem pertencente às duas correntes. Vale destacar que os trabalhos referentes à narrativa de casos apresentaram aumento de 6% em relação ao I Congresso. Este fato evidencia o crescimento do emprego de abordagens que se aproximam dos preceitos da metodologia qualitativa.

5.2.3 III Congresso da Rede BLH-BR: Pesquisa e desenvolvimento tecnológico em Bancos de Leite Humano

O III Congresso da Rede BLH-BR ocorreu de 16 a 20 de agosto de 2002, na cidade de Petrópolis (RJ), e teve aumento significativo no número de trabalhos apresentados em relação aos dois congressos anteriores. Teve como objetivo atualizar os profissionais da área sobre os aspectos recentes relacionados ao aleitamento materno e BLHs, dando continuidade à nova forma de pensar os aspectos relacionados com a temática central do congresso.

Tabela 8 – Quantitativo dos trabalhos publicados e da programação científica disponíveis nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por área temática

Área temática	Trabalhos publicados (%)	Programação Científica (%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	74 (36%)	7 (23%)
2- Assistência à Amamentação	58 (28%)	6 (20%)
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	33 (16%)	2 (6%)
4- Gestão da Qualidade em BLH	35 (17%)	14 (45%)
5- Informação / Comunicação em BLH	4 (2%)	2 (6%)

A programação científica do III Congresso da Rede BLH-BR contemplou todas as áreas temáticas trabalhadas neste estudo, conforme podemos verificar a seguir. Ao classificarmos os títulos das conferências e mesas-redondas por área temática, observamos que pela primeira vez a área temática 5 foi inserida na programação científica de um congresso da Rede BLH-BR, evidenciando a importância conferida pela Rede BLH-BR por esta área do conhecimento.

Área Temática 1

1. A pesquisa no processo de construção do conhecimento em amamentação
2. Referenciais metodológicos para pesquisa em amamentação I
3. A amamentação na perspectiva da mulher
4. Amamentação: a relação entre o biológico e o social
5. Referenciais metodológicos para pesquisa em amamentação II
6. Brasileiro de políticas públicas em aleitamento materno
7. Rede IBFAN 20 anos em defesa da amamentação

Área Temática 2

1. A amamentação através do lúdico
2. Amamentação e saúde mental
3. Amamentação e o RN gravemente enfermo
4. Fonoaudiologia e amamentação
5. Amamentação: desafios do pediatra
6. Maternidade e amamentação na adolescência

Área Temática 3

1. Sistemas de processamento e controle de qualidade do leite humano ordenhado
2. Processamento e controle de qualidade

Área Temática 4
1. Pesquisa e desenvolvimento tecnológico na Rede Nacional de Bancos de Leite Humano
2. Vinte anos de política estatal em favor do aleitamento materno
3. A infecção pelo HIV no cenário da amamentação e dos Bancos de Leite Humano;
4. A importância do terceiro setor para os Bancos de Leite Humano
5. A construção da qualidade no âmbito da Rede Nacional de Bancos de Leite Humano
6. Bancos de Leite Humano: trabalhando em rede
7. A infecção pelo HIV no cenário da amamentação e dos bancos de leite
8. Banco de Leite Humano e o III Setor
9. Brasileiro de bombeiros em Bancos de Leite Humano
10. Informatização e gerenciamento
11. Capacitação para o uso do software de acompanhamento do IHAC
12. Programa de controle interno e externo da qualidade
13. O compromisso da Vigilância Sanitária com a amamentação e os Bancos de Leite Humano
14. Brasileiro de Vigilância Sanitária em Bancos de Leite Humano

Área Temática 5
1. A informação como instrumento de transformação social
2. Amamentação e comunicação

No ano de realização deste congresso, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2003) elaborou recomendações para a alimentação saudável de crianças

menores de dois anos, com a participação de pessoas e instituições de todas as regiões do país e de diferentes atividades, incluindo o campo da pesquisa. O enfoque, neste momento, era o da segurança alimentar e da alimentação culturalmente aceitável (ARAÚJO, 2008).

Este fato pode ser observado na Tabela 8, onde mais uma vez as áreas temáticas 1 e 2, com fundamentação teórica nas ciências da saúde e humanas, tiveram maior concentração, sendo contempladas em cerca de 70% das publicações e sendo incluídas em quase metade dos temas da programação científica.

Por sua vez, a Tabela 8 mostra que a área 4 contemplou 17% dos trabalhos apresentados, ou seja, o dobro em relação ao II Congresso, e teve grande visibilidade nas discussões ocorridas neste congresso, ocupando cerca de 40% da programação científica. Este fato pode ser associado ao momento em que a Rede BLH-BR estava passando, onde questões voltadas para o desenvolvimento tecnológico e pesquisa ganharam notoriedade.

Neste sentido, Maia (2006) destaca que os resultados positivos alcançados pela Rede BLH-BR foram decorrentes dos investimentos realizados no âmbito da pesquisa e do desenvolvimento tecnológico (MAIA et al., 2006). Vale destacar que o III Congresso da Rede BLH-BR consolidou as bases de dois importantes programas da Rede BLH-BR: o Programa Nacional de Qualidade em BLHs e o Sistema de Gestão Rede BLH – on-line.

Na Tabela 8, verifica-se que a área temática 5, que tem sua sustentação teórica nas ciências sociais aplicadas, foi contemplada em 2% dos trabalhos apresentados. Este fato nos permite constatar que mesmo sendo considerada uma área estratégica para o processo de construção do conhecimento no âmbito da Rede BLH-BR, os estudos ainda são bastante recentes, o que pode explicar o reduzido número de trabalhos apresentados nesta área.

Tabela 9 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica	Quantitativo	(%)
Quantitativa	93	46%
Qualitativa	20	10%
Quanti-Qualitativa	7	3%
Narrativa de casos	84	41%

Tabela 10– Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do III Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico-metodológico

Referencial Teórico-Metodológico	Quantitativo	(%)
Estudo Transversal	85	42%
Estudo de Coorte	12	6%
Ensaio Clínico	1	0,4%
Estudo de Caso	4	2%
Teoria das Representações Sociais	4	2%
Interacionismo Simbólico	1	0,6%
Hermenêutica Dialética	1	0,4%
Referencial não identificado pelo autor	11	5%
Relato de Experiência	86	42%

Em relação à abordagem metodológica, observa-se nas Tabelas 9 e 10 o predomínio dos métodos quantitativos, estando presente em quase metade dos trabalhos apresentados, com modalidade de estudo transversal, estudo de coorte

e ensaio clínico. Embora o número de estudos qualitativos seja inferior quando comparado aos quantitativos, novas possibilidades teóricas se apresentam em três desenhos de estudo diferentes, conforme mostra a Tabela 10. Este ineditismo indica que a Rede vem buscando ampliar caminhos para alcançar os diferentes objetos de estudo que lhes são pertinentes na área da saúde.

Em relação à programação, podemos observar duas conferências com o título “Referências Metodológicas para a Pesquisa em Aleitamento Materno”, o que confirma a preocupação da Rede BLH-BR com o emprego de novos referenciais.

Vale ressaltar que mais uma vez estudos referentes à narrativa de casos apresentaram quantitativo significativo, sendo contemplados em cerca de 40% dos trabalhos apresentados.

5.2.4 IV Congresso da Rede BLH-BR: Banco de Leite Humano: uma rede de proteção à vida - duas décadas de política pública no Brasil

Em 2005, marcando os 20 anos de política pública em BLHs foi realizado o IV Congresso da Rede BLH-BR em Brasília (DF), de 18 a 21 de maio. O evento reafirmou o compromisso histórico da Rede BLH-BR com a busca pela excelência por meio da educação e da qualidade. Além da oportunidade de mais uma vez viabilizar o compartilhamento do conhecimento, o evento deu início ao processo de discussão para a construção da Rede Latinoamericana de BLHs.

O IV Congresso da Rede BLH-BR se destacou no cenário internacional, sendo realizado o I Fórum Latinoamericano de BLHs. Durante o evento, foi elaborado o documento “Carta de Brasília”, que estabelece as diretrizes para a política de expansão da Rede BLH para outros países, transcrita a seguir.

Carta de Brasília 2005

Através da assinatura da carta de Brasília, em 18 de maio de 2005, representantes dos Ministérios da Saúde de países da América Latina assumiram, os seguintes compromissos visando o fortalecimento de ações na área de lactância materna:

I – considerar as necessidades dos diferentes grupos sociais na ampliação do acesso da população aos Bancos de leite Humano;

II – garantir a quantidade, segurança e eficácia dos BLH a serem utilizados pela população de nossos países;

III – promover o uso racional de Bancos de Leite Humano;

IV – estabelecer mecanismos de cooperação mútua em pesquisa e desenvolvimento da alimentação e nutrição infantil, favorecendo um maior domínio da tecnologia necessária;

V – priorizar a capacitação de recursos humanos em todos os níveis, de modo a viabilizar o cumprimento dos compromissos assumidos;

VI – procurar meios de financiamento sustentável à promoção à promoção do acesso aos BLH, com vistas a assegurar o êxito no enfrentamento dos desafios atuais e a garantir a continuidade das ações governamentais;

VII – assegurar mecanismos de intercâmbio da informação que permitam melhorar a eficiência da administração das políticas nacionais de BLH.

Segundo Almeida (2011)¹⁴, este documento marca o início da cooperação internacional coordenada pelo Brasil. Representantes do setor de saúde e proteção social dos governos de 13 países da América Latina elaboraram a Carta de Brasília 2005, pontuando as ações prioritárias para a consolidação da cooperação mútua em prol da redução da mortalidade infantil, com foco nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODMs) estabelecidos pela ONU.

Definidos os propósitos de expansão da Rede BLH-BR para América Latina e Caribe, iniciou-se o processo de articulação institucional entre a

¹⁴ Entrevista do coordenador da Rede BLH-BR, Dr. João Aprígio Guerra de Almeida, em janeiro de 2011, concedida à Revista Radis/Fiocruz.

Fiocruz, o Ministério da Saúde, por intermédio da Assessoria Internacional e da Área Técnica da Saúde da Criança e Aleitamento Materno, e o Ministério das Relações Exteriores, pela Agência Brasileira de Cooperação (ABC), com o objetivo de estabelecer um plano de operação conjunta entre as entidades envolvidas. Até 2004, o esforço de cooperação já havia resultado em projetos de implantação de BLHs na Argentina, Bolívia, Cabo Verde, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Equador, Espanha, Guatemala, Haiti, México, Moçambique, Panamá, Paraguai, Peru, Republica Dominicana, Uruguai, Venezuela.

Maia (2006) destaca que este fato consolida o papel estruturante da Rede BLH-BR no cenário internacional como núcleo científico e tecnológico, preocupado não somente com o território brasileiro, mas também com os países da América Latina. Neste cenário, também foi criado o Centro Latinoamericano de BLHs, atual CTIBLHAM, vinculado ao Icict (MAIA et al., 2006).

O grande número de trabalhos publicados e de participantes pode estar relacionado ao cenário da política pública do período, que investia na promoção de ações de incentivo ao aleitamento materno e BLHs. Neste sentido, vale destacar que um dos esforços da política pública brasileira foi a criação do Plano Nacional de Saúde (PNS) pela Subsecretaria de Planejamento e Orçamento do Ministério da Saúde, que funciona como instrumento de referência para o SUS e visa contribuir para a redução das desigualdades em saúde.

Souza (2006, p. 83) destaca outro aspecto relevante da PNS, que se refere ao seguimento de diretrizes e metas para a criação de uma agenda nacional de pesquisa em saúde. Nesta agenda, uma das prioridades da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde é a “reformulação do papel do Ministério da Saúde no ordenamento do esforço nacional de pesquisa em saúde, objetivando aumentar a capacidade de indução de pesquisas voltadas para a melhoria das condições de saúde da população” (BRASIL, 2005),

permitindo que as prioridades de pesquisa em saúde estejam em consonância com os princípios do SUS.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), os temas de pesquisa devem considerar as necessidades nacionais e regionais de saúde, sendo capazes de aumentar a produção de conhecimentos, bens materiais e processuais nas áreas prioritárias para o desenvolvimento das políticas sociais, o que inclui a área do aleitamento materno.

Tabela 11 – Quantitativo dos trabalhos publicados e da programação científica nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por área temática

Área Temática	Trabalhos Publicados (%)	Programação Científica (%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	78 (31%)	12 (37%)
2- Assistência à Amamentação	110 (43%)	10 (30%)
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	43 (17%)	4 (12%)
4- Gestão da Qualidade em BLH	22 (9%)	6 (18%)
5- Informação/Comunicação em BLH	---	1 (3%)

A programação científica do IV Congresso da Rede BLH-BR contou com vários temas relacionados a todas as áreas temáticas classificadas neste estudo, conforme podemos verificar a seguir:

Área Temática 1
1. Um panorama global da amamentação;
2. Amamentação – considerações de interesse para a criança;
3. O aleitamento materno no Brasil;
4. Amamentação expressa através da cultura popular;
5. Ações inovadoras em amamentação;

6. Políticas de saúde e amamentação;
7. Amamentação e inclusão social;
8. Em defesa da amamentação – situação do código;
9. Amamentação, cultura e cidadania;
10. Maternidade e amamentação na adolescência;
11. Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças na Primeira Infância, Bicos, Mamadeiras e Chupetas – Rede IBFAN, mais de 25 anos em defesa da amamentação;
12. O modelo atual da Iniciativa Hospital Amigo da Criança;

Área Temática 2

1. Assistência em Amamentação;
2. Principais dificuldades relacionadas à mama puerperal;
3. Práticas alternativas em amamentação;
4. Refluxo gastro-esofágico X amamentação;
5. Promoção da amamentação na atenção básica;
6. Amamentação: desafios da Pediatria – Sociedade Brasileira de Pediatria;
7. Amamentação e Saúde Mental;
8. Responsabilidade profissional e institucional no apoio ao aleitamento materno;
9. Fonoaudiologia e amamentação;
10. ASBRAN – Atuação do nutricionista na promoção do aleitamento materno;

Área Temática 3

1. Segurança alimentar e nutricional de crianças menores de 2 anos;
2. Avanços do conhecimento científico sobre o leite humano;
3. Prematuridade e uso exclusivo de leite humano;

4. Simpósio Brasileiro de Vigilância Sanitária em Bancos de Leite Humano;

Área Temática 4

1. Banco de Leite Humano: uma visão global;

2. Banco de Leite Humano – trabalho em rede;
--

3. Educação em Banco de leite Humano e aleitamento materno;

4. Banco de Leite Humano na América Latina;

5. Brasileiro de Bombeiros que atuam em Bancos de Leite Humano;

6. Infecção pelo HIV no cenário da amamentação e dos Bancos de Leite Humano;
--

Área Temática 5

1. Informação e Comunicação em Banco de Leite

Conforme observado na Tabela 11, as áreas temáticas 1 e 2 mais uma vez se destacaram, concentrando cerca de 70% dos trabalhos apresentados e da programação científica do congresso. A área de Informação e Comunicação em BLH, embora não tenha sido contemplada em nenhum trabalho apresentado, esteve presente em apenas 3% dos debates ao longo deste congresso.

Tabela 12 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica	Quantitativo	(%)
Quantitativa	118	47%
Qualitativa	68	27%

Quanti-Qualitativa	14	5%
Narrativa de casos	53	21%

Tabela 13 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do IV Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico

Referencial Teórico e Metodológico	Quantitativo	(%)
Estudo Transversal	114	45%
Estudo de Coorte	12	5%
Estudo de Caso-Controle	3	1%
Ensaio Clínico	5	2%
Estudo de Caso	6	2%
Teoria das Representações Sociais	2	0,7%
Estudo de Revisão Bibliográfica	15	6%
Fenomenologia	9	4%
Interacionismo Simbólico	1	0,4%
Teoria de Orem	3	1%
Teoria Situacional de Liderança	1	0,4%
Teoria da Antropologia de Castoriadis	1	0,4%
Teoria Fundamentada nos Dados	1	0,4%
Referencial não identificado pelo autor	26	10%
Relato de Experiência	54	22%

A Tabela 12 indica que estudos de natureza quantitativa permaneceram em evidência, estando presentes em cerca de 50% dos trabalhos apresentados. Observa-se significativo aumento da abordagem metodológica qualitativa,

presente em quase 30% das produções. Os estudos quanti-qualitativos também apresentaram aumento, estando presentes em 5%.

Vale destacar que estudos empregando os referenciais teórico e metodológicos da pesquisa qualitativa tornaram a aparecer, conforme apontado na Tabela 13, indicando o emprego de novos referenciais à Rede BLH-BR. Mais uma vez, trabalhos referentes a relatos de experiência, utilizando os canais informais da comunicação científica, se fizeram presentes em mais de 20% dos trabalhos apresentados.

Diante da diversidade de opções metodológicas encontradas nos trabalhos apresentados neste congresso, podemos constatar que os profissionais da área vêm buscando ampliar caminhos que possibilitem novas abordagens teóricas pertinentes às questões que envolvem o aleitamento materno.

5.2.5 V Congresso da Rede BLH-BR: o compromisso dos Bancos de Leite Humano com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

O V Congresso da Rede BLH-BR ocorreu de 28 a 30 de setembro de 2010, em Brasília (DF). Cerca de mil congressistas e especialistas de 24 países participaram do evento, que teve como tema “O compromisso dos Bancos de Leite Humano com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio” e três eixos de discussão: segurança alimentar e nutricional no contexto da atenção neonatal, assistência em aleitamento materno e estratégias para expansão dos BLHs, com consolidação da Rede BLH-BR.

Na mesma ocasião, ocorreu o II Fórum Latinoamericano de BLHs e I Congresso Iberoamericano de BLHs, configurando o V Congresso como um espaço de significativa importância para a articulação do Sistema Latinoamericano, Iberoamericano e Africano. O Programa IberBLH é fruto de um acordo multilateral entre sete países: Brasil, líder da iniciativa, Argentina, Bolívia, Espanha, Paraguai, Uruguai e Venezuela. O objetivo é apoiar a criação de pelo menos um BLH em cada país da Iberoamérica.

Segundo Almeida (2010), através dos serviços especializados responsáveis pela promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e execução de atividades de coleta do excedente da produção de leite humano, do processamento, controle de qualidade e distribuição, os BLHs são capazes de contribuir para a redução da mortalidade infantil, melhoria da saúde da mulher, e também ajudar na reversão do quadro atual de HIV/Aids, malária e outras doenças, outro Objetivo do Milênio.

Participaram deste congresso representantes da Guatemala, México, Cuba, Bolívia, Colômbia, Espanha, Portugal, Peru, Equador, Uruguai, Venezuela e Paraguai, além do Brasil. O encontro deu continuidade ao debate iniciado em 2005, durante o I Fórum Latinoamericano de BLHs. Segundo Almeida (2010), o Programa IberBLH promove o intercâmbio de tecnologia e de conhecimento entre o Brasil e os países integrantes.

O elo que une a todos em rede, conceito norteador do programa, é a busca do conhecimento em prol da saúde das crianças. Por isso, este encontro é também uma oportunidade para olharmos o leite humano como alimento funcional e estratégia de qualificação da segurança alimentar e nutricional (ALMEIDA, 2010).

No V Congresso, a assinatura da “Carta de Brasília 2010” concentrou esforços internacionais para o enfrentamento da mortalidade infantil e apontou para estratégias em relação ao cumprimento dos ODMs até 2015, conforme estabelecido pela ONU (ALMEIDA, 2010).

Na ocasião, o então ministro da Saúde José Gomes Temporão, em vídeo produzido para o evento, enfatizou que a Rede BLH-BR certamente levará o Brasil a alcançar já em 2012, o índice de redução da mortalidade infantil proposto pela ONU – dois terços, até 2015, em crianças com menos de cinco anos, indicando que o Brasil conseguiu alcançar a meta três anos antes da data fixada.

A “Carta de Brasília 2010” foi o produto final do trabalho ocorrido no V Congresso, que pretendeu resgatar os compromissos da Carta de Brasília 2005 e assumir estratégias para continuidade do trabalho, conforme podemos observar a seguir:

Carta de Brasília 2010

- a. Ratificando os compromissos assumidos na Carta de Brasília 2005.*
- b. Reconhecendo que os Bancos de Leite Humano são uma estratégia importante para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ODM.*
- c. Reconhecendo a importância da criação da Rede de Bancos de Leite Humano, em cumprimento da Carta de*

Brasília 2005, como estratégia de assegurar aos recém-nascidos, lactentes e bebês pequenos o acesso equitativo ao leite humano no âmbito das nossas políticas de saúde e de nutrição.

d. Reconhecendo os avanços alcançados nos países que implementaram Bancos de Leite Humano a partir do I Fórum Latinoamericano, realizado em Brasília em 2005.

Acordamos:

1. Estabelecer mecanismos que assegurem a expansão com consolidação da Rede de Bancos de Leite Humano nas regiões dos países signatários.

2. Promover condições que garantam a atuação da Rede de Bancos de Leite Humano como estratégia de fomento, promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno e de melhoria da qualificação da atenção neonatal em termos de segurança alimentar e nutricional, direcionada ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, com ênfase na redução da mortalidade infantil. 3. Impulsionar a criação e o fortalecimento de estratégias, iniciativas e Programas que ampliem a cooperação internacional no âmbito dos Bancos de Leite Humano nas regiões dos países signatários.

4. Estabelecer convênios entre os países signatários e os Organismos e Agências Internacionais de acordo com os compromissos assumidos nesta Carta.

5. Configurar a Rede de Bancos de Leite Humano como um espaço de intercâmbio do conhecimento científico e tecnológico no campo do aleitamento materno e da atuação dos Bancos de Leite Humano, como componentes

estratégicos para atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

6. Promover o uso racional do leite humano como um alimento funcional no âmbito da Rede de Bancos de Leite Humano.

7. Estabelecer mecanismos que cada país considere pertinentes para garantir a sustentabilidade da Rede de Bancos de Leite de Humano, com o objetivo de assegurar o êxito perante os desafios atuais e a continuidade das ações em curso.

8. Instituir o dia 19 de maio como data comemorativa do Dia Mundial da Doação de Leite Humano, reconhecendo a primeira Carta de Brasília, assinada a 19 de maio de 2005, como marco histórico e pedra fundamental da criação da Rede de Bancos de Leite Humano nos países signatários.

9. Instituir o Comitê de Monitoramento do cumprimento dos compromissos firmados na Carta de Brasília 2010, composto a partir desta data pelos representantes do setor saúde e de proteção social dos governos, e das agências de cooperação internacional e da sociedade civil dos países signatários.

Vale ressaltar que em 2010 foi instituída pela Portaria nº 696 a Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano (CNBLH), do Ministério da Saúde, atendendo à necessidade de uma instância para assessorar a Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno na formulação, avaliação, controle e expansão da política referente à Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, incluindo seus aspectos econômicos e financeiros.

Esta comissão é responsável por discutir as diretrizes, identificar necessidades e coordenar a produção de documentos técnicos e científicos relacionados aos BLHs. Também deverá assessorar o monitoramento das atividades, participar do redirecionamento de estratégias e apoiar o processo de articulação, mobilizando e sensibilizando setores do governo e da sociedade civil para o desenvolvimento de ações inerentes ao tema (PORTAL DA REDE BLH-BR, 2011).

Tabela 14 – Quantitativo dos trabalhos publicados e da programação científica nos anais do V Congresso da Rede BLH-BR por área temática

Área Temática	Trabalhos publicados (%)	Programação Científica (%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	62 (28%)	13 (24%)
2- Assistência à Amamentação	79 (35%)	----
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	37 (16%)	6 (11%)
4- Gestão da Qualidade em BLH	42 (19%)	27 (50%)
5- Informação/Comunicação em BLH	4 (2%)	8 (15%)

A programação científica do V Congresso da Rede BLH-BR contou com vários temas relacionados às áreas temáticas trabalhadas neste estudo, exceto a área 2, conforme podemos verificar a seguir:

Área Temática 1
1. A Política Brasileira de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno;
2. O Pacto Nacional para Redução da Mortalidade Materna e Infantil no Brasil; Experiências de Êxito da Política Pública Brasileira;
3. Responsabilidade Social e Cidadania; Brasília: Uma Cidade a um Passo da Autossuficiência em Leite Humano;

4. Desenvolvimento Social e Redução da Mortalidade Infantil;
5. A Ação na Amazônia Legal e Nordeste Brasileiro;
6. Experiências de Êxito da Política Pública Brasileira;
7. Programa Canguru;
8. Pesquisa Brasileira de Prevalência do Aleitamento Materno;
9. Rede Amamenta Brasil;
10. Norma Brasileira de Comercialização;
11. A Atuação de Furnas Centrais Elétricas S.A. em Apoio ao Aleitamento Materno;
12. A Criança é o Pai do Homem: As Implicações do Aleitamento Materno na Saúde do Adulto.
13. Paraíba-Brasil: Compromisso e Mobilização;

Área Temática 3

1. Segurança Alimentar e Nutricional na Rede BLH-BR;
2. O Leite Humano na Rede BLH – Resultados e considerações sobre o uso;
3. Garantia de Acesso ao Leite Humano;
4. Estudos sobre Adequação da Viscosidade do Leite Humano;
5. Crescimento de RN de muito baixo peso alimentados com leite de banco de leite humano segundo o valor calórico e proteico;
6. Mineralização Óssea em RN Alimentados com Leite Humano.

Área Temática 4

1. O Compromisso dos Bancos de Leite Humano com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ODMs Saúde;
2. Desafios e Soluções para Rede de Bancos de Leite Humano;
3. Ensino na Rede BLH;

4. Antigua: O Primeiro Banco de Leite Humano da América Central e a Realidade da Guatemala;
5. São Paulo: A Maior Rede Estadual de Bancos de Leite Humano do Mundo;
6. Venezuela: Uma Trajetória de 15 Anos; Rio de Janeiro: Polo Gerador de Soluções para a Rede BLH;
7. Uruguai: O Processo de Construção da Rede BLH-UY;
8. Mato Grosso do Sul-Brasil: Gestão, Política Pública e Inovação na RedeBLH;
9. Argentina: Conquistas e Desafios para os Bancos de Leite no País;
10. Brasil: Articulação do Trabalho em Rede;
11. Espanha: Evolução e Perspectivas para RedeBLH;
12. Haiti: Expectativas da Comunidade para Receber um Banco de Leite Humano;
13. Paraíba-Brasil: Compromisso e Mobilização;
14. Equador: A Política Estatal para os BLHs no País;
15. Amazônia: Avanços e Especificidades da Rede BLH na Região;
16. Portugal: Uma experiência pioneira; Planejamento Estratégico no Âmbito da Rede BLH; BLH Web – Ferramenta para Gestão e Certificação de Processos;
17. Sistema de Controle da Produção; PNQBLH - Ensaio de Proficiência;
18. A Pedagogia Crítico Reflexiva no Ensino do Aleitamento Materno;
19. EaD – Novas Oportunidades para a Rede BLH;
20. O Programa de EaD da Rede BLH; O Programa de Educação Permanente da Rede BLH;
21. Ações de Apoio à Rede Argentina de Bancos de Leite Humano;
22. O Efeito da Abertura de um Banco de Leite Humano na Prática

Alimentar de uma UTI Neonatal em Madrid;
23. Clínica de Lactancia Materna en el Hospital de San Ramón de Costa Rica.
24. Qualidade como Fator de Segurança;
25. Três Décadas de Atuação do Rotary Clube na Rede de Bancos de Leite Humano do Brasil;
26. Solidariedade Social – A Atuação do Conselho de Fonoaudiologia em Favor da Rede BLH;
27. Efeito do BLH no Tempo de Internação de RN em Unidades Neonatais.

Área Temática 5

1. Comunicação na Rede BLH;
2. A Rede Rute e o SIG Tele-Rede BLH;
3. A BVS-AM – Uma nova proposta;
4. Soluções de TI para Rede BLH;
5. A Importância TV Pública para Rede BLH – A Visão do Canal Saúde;
6. Campanhas – O Dia Nacional de Doação de Leite Humano;
7. A Trajetória da Comunicação na Rede BLH-BR;
8. O Portal da Rede BLH e suas Funcionalidades; IberBLH na Web (portal, boletim, demandas, notícias).

Em relação às áreas temáticas contempladas neste congresso, observa-se na Tabela 14 que as áreas 1 e 2 concentram a grande maioria dos trabalhos

apresentados. Tal fato evidencia que os profissionais da área estão preocupados com as questões que permeiam o concreto vivido pela mulher em fase de amamentação e com as estratégias assistenciais. No entanto, a programação científica somente abrangeu assuntos referentes à área 1, representando cerca de 25% da grade, e não apresentou questões referentes à área assistencial.

O destaque no V Congresso ocorreu em relação à programação, que teve quase metade da sua grade preenchida por temas referentes à área 4, ou seja, a Gestão de Qualidade em BLH. Outro destaque foi a área 5, que embora apareça em apenas 2% dos trabalhos apresentados, contemplou 15% da grade da programação, confirmando a importância que a Rede BLH-BR confere a esta área do conhecimento.

Tabela 15 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do V Congresso da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica	Quantitativo	(%)
Quantitativa	100	45%
Qualitativa	55	25%
Quanti-Qualitativa	17	7%
Narrativa de casos	52	23%

Tabela 16 – Quantitativo dos trabalhos publicados nos anais do V Congresso da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico

Referencial Teórico e Metodológico	Quantitativo	(%)
Estudo Transversal	90	40%

Estudo de Coorte	15	7%
Estudo de Caso-Controle	2	0,9%
Ensaio Clínico	2	0,9%
Estudo de Caso	6	3%
Estudo de Revisão Bibliográfica	16	7%
Referencial não identificado pelo autor	36	16%
Relato de Experiência	57	26%

A distribuição dos estudos quantitativos e qualitativos podem ser observadas na Tabela 15. Evidencia-se um predomínio da pesquisa quantitativa, que vem se mantendo em todos os congressos da Rede BLH-BR desde o seu pioneiro. Porém, a pesquisa qualitativa, iniciada no âmbito da Rede BLH-BR em 1998, após 12 anos, se apresenta em 25% dos trabalhos e a abordagem quanti-qualitativa ganha espaço, ocupando 7% das produções. Mais uma vez, estudos sem abordagem metodológica definidas *a priori* são verificados, representando 23% dos trabalhos apresentados, conforme mostra a Tabela 5.

Diante destas constatações, torna-se evidente uma maior aceitabilidade por parte dos profissionais da área pela metodologia qualitativa, que busca maior aproximação com as ciências sociais, no intuito de melhorar a qualidade da assistência e de construir novos referenciais para a área (SOUZA, 2006). Mostra ainda que a Rede BLH-BR passa a operar com uma metodologia preocupada com questões que emergem do cotidiano, que olha para a amamentação como parte de um contexto sociocultural, influenciada pela sociedade e pelas condições de vida da mulher.

Neste sentido, Souza (2006) explica que a aproximação com as ciências sociais e uso de metodologias qualitativas tem possibilitado melhorar a

qualidade de assistência prestada de forma mais integral diante de um objeto vasto e diversificado como a saúde.

5.2.6 Uma Visão Panorâmica da Produção Científica dos Congressos da Rede BLH-BR de 1998 a 2010

Ao traçar um panorama da produção científica de 1998 a 2010, percebemos que os investimentos em pesquisa e ensino no âmbito da Rede BLH-BR se articulam com a política pública de cada período de realização dos congressos da Rede BLH-BR, o que, segundo a teoria que fundamenta este estudo, significa que os fatos científicos são socialmente construídos e trazem em seu conteúdo as peculiaridades do contexto específico (LATOIR, 1994).

Tabela 17: Quantitativo dos trabalhos publicados por área temática nos cinco congressos da Rede BLH

Área Temática/ Congressos	I	II	III	IV	V	Total (%)
1- Amamentação, Cultura, Cidadania	6 (21%)	37 (25%)	74 (36%)	78 (31%)	62 (28%)	28%
2- Assistência à Amamentação	12 (41%)	75 (50%)	58 (28%)	110 (43%)	79 (35%)	40%
3- Tecnologia de Alimentos em BLH	6 (21%)	25 (17%)	33 (16%)	43 (17%)	37 (16%)	17%
4- Gestão da Qualidade em BLH	5 (17%)	12 (8%)	35 (17%)	22 (9%)	42 (19%)	14%
5- Informação / Comunicação em BLH	----	1 (0,6 %)	4 (2%)	----	4 (2%)	1%

A análise descritiva de cada período permitiu perceber que a lógica da purificação, que tende a separar natureza e cultura, já não atende às necessidades da Rede BLH-BR, sendo necessário investimento em novos

referenciais teóricos, conforme fica evidente na Tabela 17, onde as temáticas 1 e 2, que têm basicamente sua fundamentação nas ciências da saúde e humanas, representam 68% do total de trabalhos apresentados, sendo as áreas temáticas mais trabalhadas no âmbito dos congressos da Rede BLH-BR. Este fato também evidencia que a visão reducionista do modelo unicamente biológico abre espaço para um modelo híbrido, onde determinantes sociais e condicionantes culturais interagem em uma mesma rede do conhecimento.

A área de tecnologia de alimentos, ancorada nas ciências biológicas e agrárias se faz presente em 17% dos trabalhos apresentados, enquanto a área da gestão da qualidade, cujo referencial teórico se encontra nas ciências sociais aplicadas, corresponde a 14% de toda a produção científica dos congressos da Rede BLH-BR.

Verificou-se que somente 1% de todos os trabalhos apresentados nos congressos abordaram a área temática 5, fato que merece reflexão, uma vez que a geração e a apropriação do conhecimento são consideradas pela Rede BLH-BR elementos estratégicos para o desenvolvimento científico e tecnológico, que possibilitem a inclusão social no âmbito dos serviços de saúde.

A distribuição dos estudos quantitativos e qualitativos em função da abordagem metodológica indica um predomínio dos estudos quantitativos, que consideram os aspectos mensuráveis, representando 50% do total de trabalhos publicados. Os estudos qualitativos aparecem em cerca de 20% do total de trabalhos e os quanti-qualitativos em 4%, evidenciando um crescimento dos estudos qualitativos no âmbito da Rede BLH-BR.

Tabela 18 – Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco congressos da Rede BLH-BR por abordagem metodológica

Abordagem Metodológica dos Estudos						Total (%)
	I	II	III	IV	V	
Quantitativa	18 (62%)	80 (53%)	93 (46%)	118 (47%)	100 (45%)	50%
Qualitativa	3 (11%)	22 (15%)	20 (10%)	68 (27%)	55 (25%)	18%
Quanti-Qualitativa	1 (3%)	3 (2%)	7 (3%)	14 (5%)	17 (7%)	4%
Narrativa de Casos	7 (24%)	45 (30%)	84 (41%)	53 (21%)	52 (23%)	28%

Tabela 19 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco Congressos da Rede BLH-BR por referencial teórico e metodológico dos estudos quantitativos e qualitativos

Referencial Teórico e Metodológico						Total (%)
	I	II	III	IV	V	
Estudo Transversal	17 (59%)	81 (54%)	85 (42%)	114 (45%)	90 (40%)	48%
Estudo de Coorte	2 (7%)		12 (6%)	12 (5%)	15 (7%)	5%
Estudo de Caso-Controle				3 (1%)	2 (0,9%)	0,3%
Ensaio Clínico		2 (1%)	1 (0,4%)	5 (2%)	2 (0,9%)	0,9%
Estudo de Caso	2 (7%)	1 (0,6%)	4 (2%)	6 (2%)	6 (3%)	3%
Teoria das Representações Sociais			4 (2%)	2 (0,7%)		0,5%
Fenomenologia				9 (4%)		0,8%
Estudo de Revisão Bibliográfica	1 (0,6%)	5 (3%)		15 (6%)	16 (7%)	3%
Teoria de Orem				3 (1%)		0,6%
Hermenêutica dialética			1 (0,4%)			0,08%

Teoria Situacional de Liderança				1 (0,4%)		0,08%
Interacionismo Simbólico		1 (0,6%)		1 (0,4%)		0,08%
Teoria da Antropologia de Castoriadis				1 (0,4%)		0,08%
Teoria Fundamentada dos Dados				1 (0,4%)		0,08%
Referencial Teórico-Metodológico não identificado pelo autor	1 (3%)	12 (8%)	11 (5%)	26 (10%)	36 (16%)	8%
Relato de Experiência	6 (21%)	48 (32%)	86 (42%)	54 (22%)	57 (26%)	29%

Tabela 20 - Quantitativo de todos os trabalhos apresentados nos cinco Congressos da Rede BLH-BR por tipos de autoria

Tipo de Autoria						Total (%)
	I	II	III	IV	V	
Autoria Individual	5 (17%)	13 (9%)	26 (13%)	28 (11%)	8 (3%)	11%
Autoria Coletiva	23 (79 %)	136 (90%)	178 (87%)	225 (89%)	215 (96%)	88%
Autoria não identificada nos anais do Congresso	1 (4%)	1 (0,6%)	-----	-----	1 (0,4%)	1%

Merece destaque o fato de que 28% do total de trabalhos não apresentarem método de construção definido *a priori*, aqui classificados como narrativa de casos, conforme indica a Tabela 18. Este número significativo de trabalhos se justifica por utilizar como fio condutor as atividades realizadas no

cotidiano, sendo essas consideradas pela Rede BLH-BR um espaço estratégico para a construção do conhecimento.

A Tabela 19 apresenta uma diversidade de referenciais teóricos e metodológicos nos estudos qualitativos e evidencia o caráter relevante dos relatos de experiência para a construção do conhecimento no âmbito da Rede BLH-BR, se fazendo presente em 29% do total de trabalhos apresentados. Segundo Garvey e Griffith (1979 apud SILVA, 1998), a comunicação científica considera todas as atividades associadas com a produção, disseminação e uso da informação, desde o momento da concepção da ideia que irá gerar a pesquisa até o instante em que os resultados desta pesquisa sejam aceitos como parte do conhecimento científico.

Para Silva (1998, p. 2), “o relato da prática científica baseado no cotidiano do fazer científico permite que se reconheça que o produto científico é resultado de um processo de produção (...) que são socialmente construídos e trazem em seu conteúdo e forma as peculiaridades do contexto em que são produzidos”.

CAPÍTULO 6

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de amamentar é um comportamento humano complexo, que envolve aspectos culturais, sociais, psíquicos e biológicos, que estão diretamente ligados a fatores referentes à natureza, enquanto ser humano capaz de amamentar, e a cultura a qual a mulher se insere, o que torna fundamental a ação de políticas públicas voltadas para esta área.

Atualmente, a ciência se torna unânime ao reconhecer que o aleitamento materno é uma prática alimentar segura, com repercussões favoráveis na saúde da criança que ecoam para toda a vida, sendo recomendado pela OMS e pelo Ministério da Saúde. Nesta perspectiva, Morin (2001) propõe um pensamento multidimensional, em que todas as dimensões do viver humano e social estejam contempladas, o que se torna relevante para a construção do conhecimento nas ações de saúde.

A Rede BLH-BR se consolida como rede às vésperas deste milênio, usando de sua competência e reconhecimento nacional e internacional para construir conhecimentos que se adequem à nova postura dos profissionais de saúde frente às demandas da mulher, que deixa de ser vista apenas como mãe-nutriz e passa a ser percebida como mulher-mãe que amamenta. Desta forma, vem cumprindo sua missão de promover a saúde da mulher e da criança mediante a integração e a construção de parcerias com órgãos federais, a iniciativa privada e a sociedade.

Os profissionais que participam dos congressos da Rede BLH-BR, além de transladar conhecimento construído nos moldes da ciência clássica, se interessam pelas questões que emergem do cotidiano, fruto de um processo de acumulação de saberes, práticas e experiências, que opera com o conceito apresentado por Zorrilla (1998, p. 122), que por sua vez considera o conhecimento “como uma combinação de informação, contexto e experiência”. Esta constatação evidencia a aplicação de um modelo que rompe com a lógica da purificação e compreende o conhecimento como efeito de interações sociais.

Um fato relevante que se apresentou ao longo do estudo foi o número significativo de trabalhos que não apresentaram método de construção definido *a priori*, aqui classificados como narrativa de casos. Podemos constatar que a dinâmica de construção dos “casos/relatos” tende a seguir o movimento de translação do conhecimento, sem a preocupação de purificar fatos e fenômenos, que sigam disciplinas definidas em função da área do conhecimento dos campos de aplicação do saber.

Questões biológicas se misturam a aspectos comportamentais, que podem estar associados a dados numéricos ou a depoimentos de atores. Por esta razão, a categoria “narrativa de caso” e o desenho de estudo “relato de experiência” se aproximam mais de uma abordagem que segue os preceitos da metodologia qualitativa.

Vale ainda destacar neste ponto uma questão particular sobre a forma como os autores dos trabalhos tratam aspectos biológicos e sociais de forma unívoca, sem tentar separá-los em disciplinas puras. Comportamento, biologia e estatística se misturam em uma mesma trama, unindo toda a biologia e a sociedade em um tecido único: o tecido inteiriço das naturezas-culturas, assim como diria Latour (1994).

Portanto, constatamos que o conhecimento operado pela Rede BLH-BR caminha no sentido de alistar novos atores à rede, incluindo profissionais, saberes, política, usuários, doadoras de leite humano, entre outros, e da aliança entre academia e experiência, teoria e prática. Todos estes aspectos conferem à Rede BLH-BR, no que concerne ao seu modelo de atuação, uma posição diferenciada de outras experiências existentes no âmbito da política pública de saúde brasileira.

Diante disso, torna-se evidente que a Rede BLH-BR utiliza a informação e a tecnologia como recursos estratégicos, onde a produção do conhecimento passa a operar de forma articulada com as prioridades sociais. Portanto, concluímos que a Rede BLH-BR trabalha o conhecimento na perspectiva do híbrido e adota a mistura em sua totalidade, com a preocupação de aliar o conhecimento acadêmico às necessidades provenientes da prática desenvolvida no cotidiano.

Além disso, utiliza o caráter formal e informal para a construção do conhecimento, uma vez que os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Rede BLH-BR apresentam vários desenhos de estudo, tais como relatórios de pesquisa, relatos de experiência, dissertação de mestrado, teses de doutorado, entre outros.

Para consecução dos objetivos propostos neste estudo, de forma inédita, foi necessário construir uma base de dados da produção científica da Rede BLH-BR a partir dos trabalhos apresentados nos congressos da Rede BLH-BR. Esta iniciativa certamente contribuirá para a realização de novas pesquisas neste campo, corroborando com o compromisso da Rede BLH-BR de continuar ampliando as oportunidades de compartilhamento e apropriação do conhecimento gerado em seu âmbito de atuação.

Este estudo foi mais uma oportunidade de evidenciar o quanto a força da Rede BLH-BR se relaciona de forma direta com a sua capacidade de favorecer a translação do conhecimento, abrindo assim oportunidades para o aprendizado coletivo e fortalecendo os laços entre os seus integrantes. Torna-se evidente a necessidade da realização de novos estudos ancorados nos referenciais da Comunicação e da Informação em Saúde para fortalecer o processo de crescimento da Rede BLH-BR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M.L. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a02v33n3>> Acesso em: 28 abr. 2011.

ALMEIDA, J.A.G. **Amamentação: Um híbrido natureza-cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ALMEIDA, J.A.G. **Amamentação: repensando o paradigma**. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz.

ALMEIDA, M.A. A produção social do conhecimento na sociedade da informação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v.19, n.1, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/623/1/1829-5179-1-PB.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2010

ANDRADE, J.A. Organon e as redes: uma reflexão sobre produções sociotécnicas. **Revista Gestão e Sociedade**, Minas Gerais, v. 4, n.7, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.face.ufmg.br/revista/index.php/gestaoesociedade/article/view/912>> Acesso em: 2 jun 2011.

ARAÚJO, R.M.A. O aleitamento materno na pós-graduação stricto sensu em Nutrição no Brasil. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher). Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz.

ARAUJO, R.F.A. Leitura de Bruno Latour na Ciência da Informação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3583/2750>>. Acesso em: 19 jul. 2010.

BARRETO, A. A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, mai./ago. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf>> Acesso em: 1 jul. 2011.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – ALEITAMENTO MATERNO. Desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz, 2005. Disponível em: <<http://www.bvsam.cict.fiocruz.br/documentosam/bvsamprojeto.doc>>. Acesso em: 12 jul. 2010.

BLOOR, D. **Conhecimento e Imaginário Social**. São Paulo: Unesp, 2010.

BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Banco de leite humano: funcionamento, prevenção e controle de riscos/Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Brasília, 2007.

BRASIL. **II Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal / Ministério da Saúde**. Brasília, 2009.

CHRISTOVÃO, H.T. **Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através dos filtros de qualidade**. Rio de Janeiro, 1979. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). CNPq/Ibict – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CONGRESSO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO, 1., 1998, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano/Fiocruz, 1998. 1 CD-ROM.

CONGRESSO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO, 2., 2000, Rio Grande do Norte Natal. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano/Fiocruz, 2000. 1 CD-ROM.

CONGRESSO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO, 3., 2002, Rio de Janeiro Petrópolis. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano/Fiocruz, 2002. 1 CD-ROM.

CONGRESSO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO, 4., 2005, Distrito Federal Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano/Fiocruz, 2005. 1 CD-ROM.

CONGRESSO DA REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO, 5., 2010, Distrito Federal Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano/Fiocruz, 2010. 1 CD-ROM.

CORREIA, A.E.G.C.; SILVA, E.L.; ROCHA, E.C. A disseminação da informação científica na UFPE. *Biblios: Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información*, nº.30, Peru, jan./mar. 2008. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16110863002.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2011.

DAVENPORT, T. H.; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

FERREIRA, S.L.C. **Duas décadas de política pública no Brasil**. Gota de Leite. n1. 2005. Disponível em: <http://www.bvsam.cict.fiocruz.br/gotadeleite/01opção06htm>. Acesso em 10 dez. 2009.

FREIRE, L. L. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26. 2006. Disponível em: <<http://www.facha.edu.br/publicações/comum/comum26/artigo2.pdf>> Acesso em: 1 nov. 2010.

IBERBLH- PROGRAMA DA REDE IBEROAMERICANA DE BANCOS DE LEITE HUMANO. Desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz em 2008. Disponível em: < <http://www.iberblh.org/iberblh/>> Acesso em 1 de julho. 2011.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: 34 Literatura S/C, 1994.

LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade a fora**. São Paulo: Unesp, 2000.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MAIA, P.R.S. **Geração, difusão e apropriação do conhecimento na Rede Nacional de Bancos de Leite Humano**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz.

MAIA, P.R.S.; NOVAK F.R.; ALMEIDA, J.A.G.; SILVA, D.A. Sistema de Gestão do Conhecimento para Rede Nacional de Bancos de Leite Humano. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, n. 38, mar./abr. 2004. Disponível em: <http://app.ebape.fgv.br/academico/asp/dsp_rap_resumos.asp?cd_artigo=2744> Acesso em: 11 abr. 2009.

MAIA, P.R.S.; NOVAK F.R.; ALMEIDA, J.A.G.; SILVA, D.A. Rede Nacional de Bancos de Leite Humano: gênese e evolução. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. vol. 6, n. 3, Recife, jul/set. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v6n3/31899.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2009.

MARCHIORI, P.Z.; ADAMI, A.; FERREIRA, S.M.; CRISTOFOLI, F. Fatores motivacionais da comunidade científica para publicação e divulgação de sua produção em revistas científicas. In: VII Simpósio Regional da Pesquisa em Comunicação, 2006, Campo Grande.

MOORE, C.E.S.; BOLINCHES, S.B. El desarrollo de un sistema de gestión del conocimiento para los institutos tecnológicos. [CD-ROM] In: MEMORIA DO IX SEMINÁRIO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTIÓN TECNOLÓGICA INNOVACIÓN EN LA ECONOMIA DEL CONOCIMIENTO, 2001, San Jose, Costa Rica: Ed. do Instituto Tecnológico da Costa Rica, 2001.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MELO, M.F.A.Q. Mas de Onde vem o Latour? **Pesquisas e Práticas Psicossociais** 2, São João del Rei, fev. 2008. Disponível em: <

http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/queiroz_melo_artigo.pdf> Acesso em: 2 jun. 2011.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MORESI, E. A. D. Delineando o valor do sistema de informação de uma organização. **Ciência da Informação**, vol. 29, n.1, Rio de Janeiro, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a2.pdf>> Acesso em: 18 jun. 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MUELLER, S.P.M. **Ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica**. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al (org). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 21-34.

PAULICS, V. Disseminação de experiências de gestão pública - o caso do Programa de Renda Mínima no Brasil (1991-1997). **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, n. 34, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/ceapg/Acervo%20Virtual/Cadernos/Cadernos/Cad34.pdf> Acesso em: 5 jun. 2010.

PIAGET, J. **O desenvolvimento do pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1977.

POBLACIÓN, D.A. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. **Ciência e Informação**, Brasília, 1992. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1313/944>> Acesso em: 5 jun. 2010.

SILVA, E.L., MENEZES, E.M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Revista Atual, 3 ed., Florianópolis, 2001. Disponível em:

<<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2011.

REDE BRASILEIRA DE BANCOS DE LEITE HUMANO. Desenvolvido pela Fundação Oswaldo Cruz, 1998. Disponível em: <www.redeblh.fiocruz.br>. Acesso em: 12 jul 2011.

REVISTA RADIS. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, n. 101, jan. 2011.

ROCHA, M.N.D. **Produção do conhecimento sobre participação e controle social em saúde (1980-2005)**. Bahia, 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) - Universidade Federal da Bahia.

SANTOS-ROCHA, E.S.; HAYASHI, C.R.M. Comunicação científica dos programas de pós-graduação em Engenharia da UFSCAR. In: Foro Ibero-Americano de Comunicação e Divulgação Científica, 2009, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

MOORE, C.E.S.; BOLINCHES, S.B. El desarrollo de un sistema de gestión del conocimiento para los institutos tecnológicos. [CD-ROM] In: MEMORIA DO IX SEMINÁRIO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTIÓN TECNOLÓGICA INNOVACIÓN EN LA ECONOMIA DEL CONOCIMIENTO, 2001, San Jose, Costa Rica: Ed. do Instituto Tecnológico da Costa Rica, 2001.

SETZER, V.W. Dado, Informação, Conhecimento e Competência. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, São Paulo, dez. 1999. n. zero. Disponível em: <<http://www.latec.uff.br/mestrado/01.Dado%20Informacao%20Conhecimento%20e%20Competencia.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2011.

SILVA, E.L. **A construção dos fatos científicos: das práticas concretas às redes científicas**. Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). CNPq/Ibict – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, E.L., MENEZES, E.M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**, 3 ed., Florianópolis, 2001. Disponível em:

<<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2011.

SOUZA, K.S. **A Enfermagem Brasileira tecendo as redes do conhecimento no assistir em amamentação**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz.

SOUZA, L.M.B.M. **Do leite fraco à biologia da excepcionalidade: as múltiplas faces da mesma moeda**. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz.

VELHO, L. Redes regionais de cooperação em C&T e o Mercosul. **Parcerias Estratégicas**, n.10, 2001. Disponível em: <<http://www.cgee.org.br/parcerias/p10.php>> Acesso em: 2 fev. 2011.

ZORRILLA, H. **La gerencia del conocimiento y la gestión tecnológica**. Bogotá, 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidad de los Andes.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão**. 5.ed. São Paulo: Cultura Editores, 1995.